

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Trabalho de Graduação Individual 1

**As metamorfoses do lugar na implosão da metrópole: O Eixo
Platina e a Vila João Migliari**

Discente: Lucas Vannucchi Leme Ramalho
Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas - Universidade de São Paulo

Orientação: Profa. Dra. Simone Scifoni
Geografia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas - Universidade de São Paulo

São Paulo
2022

Agradecimentos

À minha família nuclear: Minha querida mãe, Beatriz, e meu querido pai, Carlos, que sempre me proporcionaram as bases para que eu pudesse hoje estar escrevendo este Trabalho de Graduação Individual e que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todas as circunstâncias. Também dedico ao meu querido irmão, Luís Filipe, que me ajudou no "abstract" e é um exemplo de companherismo.

Aos meus avós já falecidos, vô José e vô Egle, aos meus padrinhos, aos meus tios e tias e meus primos e primas.

Também agradeço a troca e o grande aprendizado vindos do Grupo de Estudos de Economia Política e Conjuntura coordenado pelo Gustavo Prieto, meu mentor intelectual e ex professor que me motivou na época do colégio a cursar Geografia. Agradeço aos amigos e amigas que fiz nos encontros que motivaram e ajudaram na elaboração do trabalho. Dedico aos amigos mais próximos da Geografia que ajudaram direta ou indiretamente: Mariana Hope, Bruno Neves, Matheus Tourinho e Dario Tognato. Também ao intercambista espanhol Mattia Ostinelli que me ajudou a confeccionar um dos mapas que estão neste projeto.

Por fim, agradeço a Simone, minha orientadora, que abraçou o projeto desde o primeiro dia, quando apareci na primeira reunião com cinco possíveis temas, enquanto todos os colegas de TGI 1 já tinham definido e conseguimos apurar para chegar a este tema que lhes apresento. Destaco a paciência e a compreensão que ela teve em não desistir de mim e do meu trabalho quando eu mesmo já havia desistido.

Resumo

A pesquisa buscou compreender as transformações socio-espaciais no fragmento dos arredores da Vila Gomes Cardim, em especial ao trecho que compreende o projeto do Eixo Platina. Discuto brevemente a formação do bairro, a industrialização da cidade de São Paulo e do Tatuapé, a dispersão industrial, a reestruturação urbano-industrial e a verticalização e valorização dos tempos atuais. Nesta busca pretendi que o leitor percebesse que o fragmento ajuda a explicar o todo e vice-versa. Foi através da situação conflito em que a Porte Engenharia demoliu a Vila João Migliari em 2019, para construir uma das torres de seu projeto do Eixo Platina que resolvi que iria contar como o bairro caminhou desde sua origem até este acontecimento e busquei fundamentar teoricamente todo esse movimento para que não só a aparência da situação estivesse clara, mas a essência e os significados dos processos. Através de longa fundamentação teórica dividida em capítulos, o trabalho buscou construir, inicialmente, os alicerces metodológicos para avançar na discussão e chegar na reestruturação urbano-industrial em curso no fragmento da metrópole e a compreensão de como a reprodução da urbanização se deu no lugar.

RAMALHO, Lucas Vannucchi Leme. **As metamorfoses do lugar na implosão da metrópole: o Eixo Platina e a Vila João Migliari**. 2020. Trabalho de Graduação Individual (TGI) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

Palavras-chave: Geografia Urbana. Lugar. Reestruturação Urbano-Industrial. Produção do espaço.

Abstract

The research sought to understand the socio-spatial transformations in the fragment of the surroundings of Vila Gomes Cardim, especially in the section that comprises the Eixo Platina project. In it I briefly discuss the formation of the neighborhood, the industrialization of the city of São Paulo and Tatuapé, industrial dispersion, urban-industrial restructuring and verticalization and valorization. In this research my intention was enabling the reader to realize that the fragment helps to explain the whole and vice versa. It was through the conflict situation in which Porte Engenharia demolished Vila João Migliari in 2019 to build one of the towers of its Eixo Platina project that I decided that I would tell how the neighborhood have changed since its origin to this specific event and I sought to theoretically substantiate all this movement so that not only the appearance of the situation was clear, but the essence and meanings of the processes. Through a long theoretical foundation divided into chapters, this work initially sought to build the methodological foundations to assist in the discussion and reach the urban-industrial restructuring underway in the fragment of the metropolis and the understanding of how the reproduction of urbanization happened in this place.

Lista de Mapas

Mapa 1 - Localização do fragmento

Mapa 2 - Planta geral da capital de São Paulo

Lista de Tabelas

Tabela 1 Repartição dos Estabelecimentos industriais segundo suas datas de fundação no Brasil

Tabela 2 - Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 2 dormitórios

Tabela 3 - Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 2 e 3 dormitórios

Tabela 4 - Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 3 e 4 dormitórios

Tabela 5 - Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 3 suítes e 4 dormitórios

Tabela 6 - Valor médio do metro quadrado das casas no Tatuapé

Sumário

1. Introdução
2. Procedimentos metodológicos
3. O movimento do método no trabalho
4. Tatuapé: momentos do bairro na produção da cidade
 - 4.1 - Origem e formação do bairro
 - 4.2 - Reestruturação urbano-industrial
 - 4.3 - Transformações no espaço: observações de campo
5. Lugar e mundialização
 - 5.1 - Sobre a mundialização do espaço e sua fragmentação
 - 5.2 - Sobre a diferença
6. Considerações finais
7. Mapas
8. Fotografias
9. Tabelas
10. Referências bibliográficas

1. Introdução

A pesquisa tem como eixo estruturante a investigação das transformações socioespaciais no bairro do Tatuapé, especialmente no bairro Vila Gomes Cardim, a partir da implantação do Eixo Platina - projeto da Porte Engenharia e Urbanismo que envolve 5 grandes empreendimentos de uso misto ao longo da Rua Platina.

A sociedade em que vivemos fez a opção pelo quantitativo, pelo tempo capturado, acelerado e encurtado da produção. Esta escolha arrasou os antigos conteúdos e também alterou a morfologia urbana. A valorização imobiliária vem ganhando terreno no Tatuapé desde os anos 80 e atualmente ganha outra forma. Empreendimentos se multiplicam a exemplo do "Eixo Platina" que é o mais recente produto imobiliário desta região. Trata-se de um projeto ambicioso que reunirá áreas comerciais, residenciais e empresarias na Rua Platina e em seus arredores.

Os empreendimentos corporativos da Porte (Platina 220, Crona 665, Vilela 652, Almagah 227 e Metria 624) possuem características representativas do recente movimento de reestruturação das centralidades: empresariamento do espaço público, transformação total do Bairro, verticalização, alto uso comercial, valorização imobiliária vertiginosa e expulsão de antigos moradores. Isto revela um novo momento na metrópole em que passam a coexistir diferentes centralidades - divididas em hierarquias de importância e grau de internacionalização das atividades - e o Tatuapé busca se inserir como centralidade na cidade e assumir um protagonismo na Zona Leste.

O objeto da reflexão teórica está centrado nas metamorfoses do lugar na implosão da metrópole paulistana em que a Vila João Migliari e Eixo Platina aparecem como alegorias do processo de urbanização periférica. A Vila era um entrave para os planos da construtora e foi arrasada sobrando apenas 1 barbearia e 4 casas sem uso sendo que a barbearia fechou meses depois, no meio da pandemia. Dada a iminência da construção deste conjunto de empreendimentos buscarei compreender como se deram as transformações socioespaciais para chegar no Tatuapé de hoje.

O movimento da pesquisa requer a compreensão desta profunda ruptura produtiva na cidade e a reconstrução da história urbana da metrópole a partir de outra leitura da formação em que o Tatuapé passe a dialogar com a formação do urbano inserido nos momentos da reprodução do capital, na derrocada da hegemonia industrial e a ascensão da hegemonia financeira como momentos da reprodução do capital.

A investigação teórica pretende dialogar, entender e discutir criticamente as contradições que marcam estas transformações. Como a reestruturação urbano-industrial transformou o bairro? Porque o Tatuapé aparece como eixo importante da especulação imobiliária e quais são as pretensões do "Eixo Platina" e da Porte Engenharia e Urbanismo? O Tatuapé é uma nova centralidade na metrópole paulistana?

A busca pela compreensão das lógicas que regem as formações espaciais em bairros tidos inicialmente como subúrbio proletário deve pressupor o fato de que seus processos de formação não são homogêneos e, muitas vezes, ocorrem a partir da urbanização disforme fruto da industrialização que alterou as dinâmicas de bairros no entorno do Tatuapé e que lhe afetou tardiamente. A relação contraditória, essência das dinâmicas de produção do espaço urbano, aparece como base para o processo investigativo desta pesquisa. Fato que não é exclusivo do bairro, mas é essencial para

entendê-lo. A dialética entre os agentes hegemônicos de ordem econômico – que regem a produção espacial e seu caráter mercadológico - e a constituição do espaço como um produto de relações sociais - dado por intermédio do vivido, que constitui identidades, memórias e significações - perpassa toda a formação do bairro.

Portanto, é importante que correlacionar os regimes de acumulação e ciclos econômicos e a produção espacial no fragmento escolhido para compreendermos a materialidade e as relações sociais. Desta maneira o que aparece como conteúdo expressa como forma o ambiente construído e a construção do uso e a sociabilidade através da memória, da dimensão afetiva (dificilmente descrita), da identificação espacial, da história e da corporiedade. Na mundialização capitalista como totalidade, qual é o papel do Tatuapé na reprodução capitalista nos diferentes momentos anteriormente identificados?

Se entendemos que o espaço é "produto, meio e condição" para a realização do capital, CARLOS (2011), por suposto, a influência direta na vida e no viver das pessoas, como elas usam e se apropriam do local aonde vivem e de que maneira elas enxergam esta precedida pela função econômica que este espaço se insere na totalidade da cidade.

Não pretendo, todavia, seguir uma linha fenomenológica buscando por meio do fragmento espacial escolhido resumir as questões suscitadas e respondendo per se suas contradições. Delimitar arbitrariamente a espacialidade a ser analisada não se trata de fechar em si mesmo este espaço, mas de compreendê-lo nas suas relações com a totalidade.

A pesquisa nas ciências humanas deve considerar os diferentes agentes que interferem, condicionam e operam na realidade e na materialidade das relações sociais. Se perder no fragmento e se limitar apenas a dimensão descritiva – historicamente tradicionais e que não levam a lugar nenhum se torna tão inócuo quanto se maravilhar com uma pretensa grandeza teleológica do mesmo. É preciso estar atento a realidade para não deixar que a pesquisa se descole dela.

Inicialmente pretendia ter como objeto principal do meu trabalho a Vila João Miglari, já que foi a partir dela e do conflito com a implementação do Eixo Platina, em especial a obra do Almagah 227, que me aproximei do objeto. A ideia era explicar a partir da vila as transformações socioespaciais desde sua construção até os dias de hoje. Havia subdividido em 3 momentos: Auge; Deformação e Demolição.

O auge se estendia 1920 à 1970, onde o bairro se formou como um entre vários subúrbios de chácaras que se transformaram em espaços operários e industriais. Período da assim chamada "Segunda Formação de São Paulo", que bairros vizinhos ao Tatuapé aglutinaram grandes concentrações de fábricas e imigrantes. Segundo ANDRADE (1991) a leste da cidade colonial, na várzea, formam-se os bairros "além Tamandateí" como: Brás, Mooca e Belenzinho.

Já o segundo momento consistia na deformação e compreendia de 1970 à 2019, período em que ocorre a desconcentração industrial e a reestruturação urbano-industrial na cidade. A Vila João Miglari passa a não ser mais moradia proletária e há uma progressiva valorização no fragmento também catalizada nos anos 80, pela criação da estação de metrô do Tatuapé e nos anos 90, com a inauguração do Shopping Metrô Tatuapé. A vila, que antes era local de sociabilidade e realização do ato de "morar" das classes menos abastadas, passa a ser reduto de uma classe média que se interessa pela fachada tradicional conservada e pela tranquilidade de morar em uma vila de casas enclausurada no meio do caos da verticalização que lhe cerca. Estes novos moradores dividem espaço com um setor de serviços

também de classe média como barbearia e clínica. Esta deformação é a perda de forma pelo descolamento que configurava o antigo conteúdo. Uso e sociabilidade assim como as classes sociais que habitam este espaço já não são as mesmas.

A valorização imobiliária na região, desde a criação do bairro Anália Franco (produto imobiliário) nos anos 90, ganhou outras proporções na zona leste. Com os malabarismos discursivos próprios da especulação imobiliária, a vila passou a não fazer mais sentido. Afinal, é materialidade de um passado. O novo urge e pede passagem. A demolição aparece como solução única para a (re)produção espacial.

Estas eram as diretrizes do trabalho no início. Não foram drasticamente alteradas, entretanto ao olhar a partir da vila não é o objeto prioritário, mas parte integrante do movimento de transformação do bairro. Estes três momentos estarão presentes no trabalho, porém de outra forma e com outras abstrações teórico-metodológicas.

O que esperava que fosse o objeto e o principal nexo do entendimento das contradições no fragmento - A Vila João Migliari - passou a ser um complemento de toda a pesquisa, desta forma o movimento regressivo e a dimensão descritiva que ia perpassar através da história da vila e de seus moradores e a vida de bairro, infelizmente, não foi feita. As razões são múltiplas. Primeiramente, parte do entendimento que a Vila foi erroneamente denominada como Vila Operária de fábrica. Segundo BONDUKI (2004) desde o final do século XIX até os anos de 1950, surgiram diversas modalidades de moradia para alojar o proletariado urbano em recém formação. Eram os cortiço-corredor, cortiço-casa, casas geminadas, vila operária de empresa e vila operária particular as alternativas que mais vigoraram no período, sendo que quase todas eram construídas pela iniciativa privada. Eram habitações de aluguel, já que não era simples para o trabalhador construir uma casa própria naquele momento. Não haviam formas de financiar a casa, por exemplo. Neste período, da produção rentista de habitações sociais, o investimento em casas de aluguel era seguro, lucrativo e de baixo risco. Portanto, predominou-se a construção por encomenda, que permitia a construção de casas em formato de corredores, dos mais variados formatos, e com uma construção lenta propiciada pelo dinheiro advindo dos aluguéis. Deste forma, havia a participação de investidores médios e pequenos. Em suma, a Vila da Rua João Migliari, trata-se de uma Vila de Aluguel, própria do período em que predominava a produção rentista na habitação social no Brasil. Também representa o ato de morar e habitar do operariado paulistano, todavia, com formas distintas. Então deixei de chama-lá de Vila Operária.

Há mais de 60 anos depois de sua formação, em março de 2019, após 20 das 60 casas serem demolidas, movimentos em defesa do patrimônio da Zona Leste e moradores do Tatuapé se articularam para proporcionar uma aula pública para reavivar a formação da vila e a importância de seu tombamento. Após a aula, Lucas Chiconi (Arquiteto e morador do Tatuapé) que fez uma fala na aula pública e acompanhou de perto a situação, entrou com uma solicitação de tombamento na CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo), mas não obteve respostas até que no final de agosto, o proprietário Bruno Lembi (neto do primeiro proprietário) ordenou a demolição de dentro para fora das casas de forma criminosa, sem tapumes e alegando que estava reformando os telhados. Desde o princípio, quando conheci a vila no começo do ano, não haviam moradores, assim houve uma grande dificuldade em entrevistá-los, visto que com sua demolição, todos foram expulsos. As resistências ao processo não foram organizadas pelos moradores da vila, mas por dois moradores da região do Tatuapé (Lucas Chiconi e Clécio Bachini) e apoiada pelo Grupo Ururay, coletivo cultural de patrimônio da Zona Leste.

Busquei assim, analisar as transformações socioespaciais que ocorreram no fragmento a partir de uma situação de conflito, visto que foi através deste, que cheguei até a temática - uma vila de aluguel frente há uma transformação abrupta no lugar e sua demolição para erguimento de um conjunto de prédios corporativos. Embora tenha sido difícil mudar alguns aspectos da pesquisa, foi necessária esta alteração para melhor dar conta do entendimento das contradições. As mudanças visaram compreender a complexidade que envolve esta dimensão do espaço - o lugar da zona leste entre o subúrbio proletário e a periferia frente a reestruturação produtiva nos espaços e a produção de novas centralidades. Sem dúvida este trabalho permitiu transitar junto com o movimento. O ponto que eu queria chegar foi ficando mais claro e o caminho foi se desenvolvendo ao longo da pesquisa, de modo que não foi designado *a priori* qual seria a forma mais rápida ou mais objetiva, mas na realidade, foi caminhando que achei o caminho.

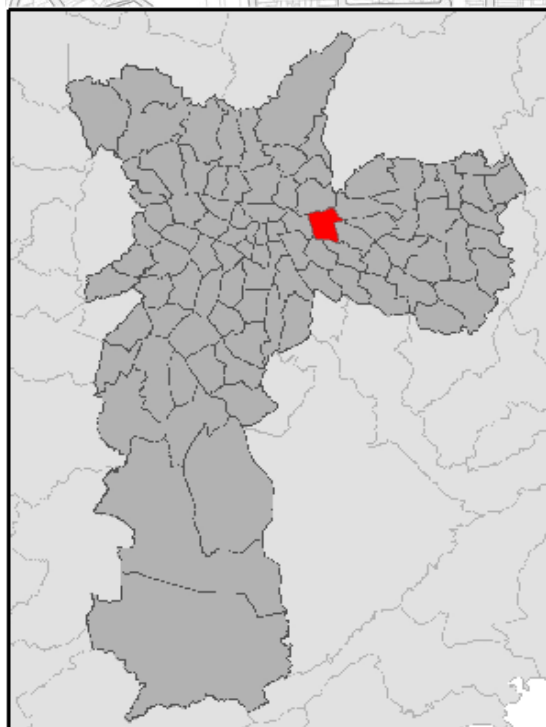
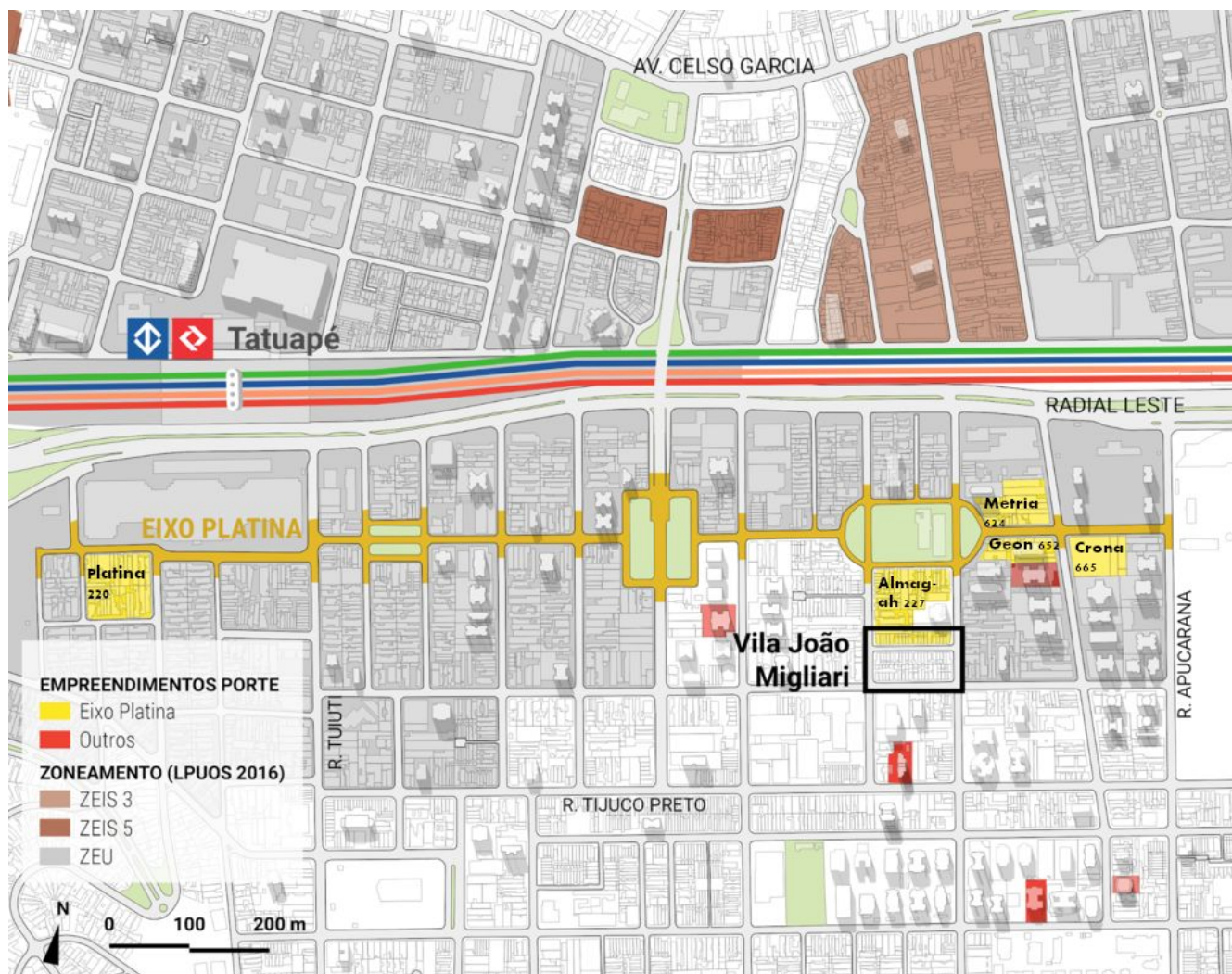
O plano da investigação teórica transcorre através das temáticas que nos instigam, desafiam, surpreendem e também aquelas que inquietam, que fazem refletir e pensar nas possibilidades de agir. O movimento da pesquisa e do pensamento é vivo.

2. Procedimentos Metodológicos

A morfologia, tipologia e a paisagem na metrópole paulistana se revelam na diferenciação que é expressa tanto no acúmulo de práticas sociais pretéritas quanto da produção espacial advinda da tensão entre o movimento de acumulação do capital e o da reprodução da vida.

Como o movimento da discussão do lugar e das centralidades é capaz de explicar tudo isto? São regidas por qual lógica? Essas questões foram suscitadas através do movimento da pesquisa e do pensamento, que assumo ser vivo e aberto, em que a trajetória do curso de geografia e o acúmulo de leituras e trabalhos vinculados à geografia urbana trouxeram particular interesse no desvendamento da formação da metrópole paulistana.

Como anteriormente apresentado, a pesquisa teve em sua primeira etapa o objetivo de demonstrar como são as relações cotidianas no fragmento da Vila Gomes Cardim. Bairro este dentro do distrito do Tatuapé, local que será implantado os empreendimentos do Eixo Platina, que compreende do começo ao fim da Rua Platina sendo o primeiro empreendimento próximo do Shopping Metrô Tatuapé, o Platina 220, previsto para ser entregue em 2022 e os outros quatro empreendimentos: Crona 665, Geon 652, Almagah 227 e o Metria 624. Estes cinco empreendimentos se avizinham da extinta Vila João Migliari.



Mapa 1: Localização do Fragmento (mapa dos arredores do Eixo Platina) | Elaboração: Pedro Mendonça | Adaptação: Lucas Vannucchi Leme Ramalho. | LabCidade - FAU USP | 1: 8000

Através da investigação presencial, principalmente voltada para a observação empírica do cotidiano e da descrição, foi possível a elaboração e o exercício analítico das comparações pretendidas. Assim as passagens posteriores do processo de investigação mobilizaram noções teórico-metodológicas que foram elaboradas tanto anteriormente quanto ao longo do processo. O movimento da regressão no campo histórico foi necessário para elaborar respostas sobre tais práticas cotidianas na/da atualidade. Só assim, a pesquisa foi capaz de elucidar alguns processos que produziram e produzem a realidade urbana encontrada, já que entende-se que não é natural, mas social e historicamente produzida, além de evidenciar os conteúdos envolvidos nas semelhanças e diferenças apontadas nos locais pesquisados.

É importante salientar que o campo das práticas cotidianas não é apenas composto por usos repetitivos e categorizáveis (passíveis de descrição), sendo preenchido também por uma dimensão espontânea, sentimental, afetiva e pessoal que torna um tanto quanto inacessível a análise descritiva. As formas de compreender estas categorias não foram ignoradas, mas serão analisadas de outras formas, já que são campos de difícil acesso e análise.

Todavia, uma vez que os usos possíveis de um espaço guardam relação direta com a forma e estratégia concebida e operada em tal lugar, torna-se possível conduzir um estudo que vai na direção de categorizar, analisar e problematizar os usos diversos que são capturados e direcionados para fins previamente concebidos. É fundamental, por ser um trabalho inspirado e inserido na Teoria Social Crítica, que se realize um estudo que mire nas brechas, fissuras e inversos do espaço, visando atingir o conteúdo diferencial realizado em determinado espaço. Para guiar esta investigação baseada nas pesquisas de campo realizadas nos dois lugares da metrópole, formulei algumas questões: como analisar a prática social em duas tipologias distintas (Vila de Aluguel e Prédio Corporativo) que não coexistiram temporalmente e que dizem respeito a dois momentos distintos? É válido e construtivo esta análise? Ela aparece de forma distinta por estar inserida na Zona Leste? Com quais categorias devo trabalhar? Quais seriam mais pertinentes? Como estas se articulariam?

Trata-se de um procedimento complexo, tortuoso e desafiador. O movimento teórico-metodológico pretende-se capaz de cumprir a laboriosa tarefa. A seguir, inicia-se o sentido e a direção para responder tais perguntas, constituído pela dimensão descritiva da pesquisa.

3. O movimento do método no trabalho

Descrever uma determinada paisagem, em um primeiro momento, parece uma tarefa fácil, já que é vulgarmente considerado a partir da dimensão do imediato e do óbvio, entretanto esta concepção guarda uma armadilha. De fato, apontar elementos pretensamente inertes e dados poderiam ser feitos em um *continuum* mas teriam o peso de uma pena, quero dizer, descrever a paisagem sem entender os conteúdos, a produção espacial e o acumulo espaço-temporal das relações sociais que lhe formaram é inócuo e cai na mesma lógica atual que lhe formou, o domínio quantitativo. Todavia, temos que perceber que o movimento, este que todos os corpos do universo estão subordinados, é inerente a tudo que nos formou e nos cerca, estamos fadados. Logo, cabe a nós abandonarmos as descrições simples já que elas não são capazes de responder o movimento que conferiu determinada tipologia estar na paisagem passível de ser observada e capturada. Demanda tempo reflexivo, o tempo lento, e investigação teórica para compreender os fundamentos que lhe regem e lhe produzem.

No campo da realidade social não são apenas os elementos de determinada paisagem que se alternam, que se formam e se destroem, mas a própria materialidade desta parece ser constantemente alterada. Segundo Lefebvre (1999), o urbano constitui a ponta deste processo de reconstrução e mobilidade, abarcando processos com a maior potência de transformação da realidade já produzida pela humanidade. Mas como categorizar, sistematizar e analisar uma realidade tão dinâmica e mutável? É através destas perguntas que se construirá um norte neste tópico. Ao refletir sobre a validade e potência dos diversos métodos até então existentes no registro científico capazes de explicar um espaço complexo, Lefebvre levantou uma sequência categorial em níveis - ou grades - que poderiam auxiliar pesquisas direcionadas a investigar práticas cotidianas. Sem pretender alcançar um caráter definitivo ou final, o autor elenca quais seriam as noções metodológicas e investigativas centrais que poderiam - mesmo que não de maneira total - elaborar resultados coerentes com a própria noção de produção do espaço por ele desenvolvida. Mesmo reconhecendo o caráter parcial e não acabado de tais procedimentos, o autor ressalta a importância do desenvolvimento de grades investigativas, ou seja, de uma sobreposição de metodologias e referências sobre o mesmo objeto, que assim poderiam melhor explorar e abarcar a diversidade contida em um único espaço urbano. Não obstante, a sobreposição e combinação de noções teóricas tidas como antagônicas ou incompatíveis deve apontar para a possibilidade da construção da noção de totalidade escalar contida no objeto. Para Lefebvre (2000):

“Pode-se conceber diversas grades que permitiram decifrar um espaço complexo. A mais grosseira leva em consideração as oposições e contrastes do espaço: as isotopias (espaços análogos) - as heterotopias (espaços jogados, uns fora dos outros) as utopias enfim, espaços ocupados pelo simbólico e pelo imaginário: pelas “idealidades” tais como a natureza, o saber absoluto, a potência absoluta. Classificação ainda grosseira, ela põe em evidência um paradoxo, isto é uma contradição despercebida: os espaços melhor apropriados são aqueles ocupados pelos símbolos. Assim os jardins e os parques que simbolizam a natureza absoluta, ou os edifícios que simbolizam a potência e o saber, portanto, o absoluto puro e simples. Uma grade mais flexível e mais concreta classifica lugares segundo suas atribuições: o privado, o público, as mediações (passagens, percursos) segundo os usos e os usuários. Uma terceira grade se situaria no nível das estratégias. Ela descobriria no caos espacial uma certa ordem: a articulação do mercado de espaço e dos espaços de mercado, - planejamento (a planificação) espacial e das forças produtivas que ocupam o espaço; - projetos políticos e obstáculos, isto é, forças que se opõem a tal intenção estratégica e chegam às vezes a instalar no seio de um espaço, um contra espaço.”(LEFEBVRE, 2000, p. 9)

Inicialmente, pode-se afirmar que o seguinte trecho ressalta o caráter investigativo e crítico da obra "A Produção do Espaço", uma vez que o autor não busca descartar ou simplesmente deslegitimar as diferentes teorias por ele abordadas. Através da proposição de grades metodológicas, a investigação poderia abarcar diversos níveis, momentos, aspectos, ritmos e fluxos presentes na realidade - que também é simultânea e sobreposta. Uma espécie de análise sob camadas ou multiescalar. Para Lefebvre, que escrevia em um momento em que o "espaço" estava em voga na academia, não se tratava de rechaçar ou excluir as categorias previamente elaboradas e consagradas, mas sim de criticá-las e incorporá-las ao próprio método como possibilidade de extensão e enriquecimento do olhar científico. Desta maneira, a tríade conceitual (isotopia, heterotopia e utopia) proposta na primeira grade poderia evidenciar as tendências à diferença, à homogeneização e ao simbólico - iluminando assim a apropriação como conteúdo social presente no cotidiano. Estaria situada em um plano mais fenomenológico, elevando a cultura, a arte e a organização social como manifestações singulares e antagônicas, que carregam como potência a contestação às forças hegemônicas que visam impor uma lógica formal ao espaço vivido. Contraditoriamente, ela seria "grosseira" ou pouco desenvolvida, surrupiando outros processos presentes no espaço, e por isso demandando outros referenciais capazes de abarcar outros níveis deste espaço complexo.

A segunda grade traz um caráter mais objetivo, permitindo que a materialidade do espaço urbano seja compreendida como a razão fundamental das relações sociais ali presentes, assim traçando relações no plano do uso do espaço. Tal visão seria semelhante a elaboração feita pelo Estado ao estabelecer políticas públicas, visando fragmentar e dividir este espaço no plano conceitual para então atribuir funções a cada forma delimitada. Neste raciocínio, as vias e ruas estariam no campo da circulação (como locais de mediação, passagem), as praças e parques seriam espaços públicos e a habitação e o comércio seriam locais privados. Com isso, a função exigida pela forma concebida dos espaços seria revelada. Contraditoriamente, a própria objetividade resguarda um sentido apagador e imediatista para o autor, não sendo compreendido como um aspecto que em si é capaz de explicar a realidade. Se assemelha a visão de espaço da geometria euclidiana evocada pelos matemáticos em que o espaço é um recipiente vazio de conteúdos. As atribuições do espaço nunca são totalmente capazes de determinar todos os momentos de seu uso, sendo a forma concebida momentaneamente superada pelos usos diferenciais.

Por fim, a terceira grade já carrega um olhar com maior capacidade de abstração, permitindo que o pesquisador se depare com as estratégias envolvidas na produção e concepção da materialidade urbana. Neste nível ou momento analítico, diferentes elementos aparentemente desconexos do urbano ganham encadeamento através da relação teórica empregada pelo pesquisador, que consegue identificar tendências ou estratégias dominantes na produção deste espaço. Após levantar tais forças hegemônicas, este plano da análise poderia localizar sujeitos que resistem e lutam contra tal estratégia de poder, constituindo um contra-espaço. Afinal, são os homens e sua resistência que também produzem o espaço. A tensão entre o movimento de acumulação do capital e da reprodução da vida tensionam a produção do espacial. Voltando para a grade, o exercício possibilita o encadeamento de noções subjetividade, diversidade e morfologia urbana, estabelecendo relações e agrupamentos entre as formas construídas e os sujeitos produtores desta realidade, permitindo então que se aponte quais seriam os interesses envolvidos na transformação ou manutenção do espaço.

Para compreender o real sentido da proposição de Lefebvre nesta passagem, se faz necessária a apresentação do parágrafo que fecha tal movimento no texto:

“Por que não levar mais adiante esta pesquisa, até a construção de uma grade que satisfaça? Duas observações como resposta. Primeiro, não há nenhuma maneira de limitar o número de grades nem de considerar alguma delas como privilegiada. O conceito mesmo de grade, como aquele de modelo ou de código, desperta uma certa desconfiança. Estes instrumentos do saber formal tem uma finalidade precisa: eliminar as contradições, fazer aparecer uma coerência, reduzir o dialético ao lógico. Intenção inerente a um saber que se quer “puro” e “absoluto”, e que desconhece a sua própria essência: reduzir, a serviço do poder.” (LEFEBVRE, 2000, p. 9 do capítulo VI)

Mas ao mesmo tempo em que reconhece a importância e potência de uma sistematização analítica em grades Lefebvre aponta quase de forma paradoxal que este tipo de sistematização pode suspender o movimento da realidade, reforçando as estratégias hegemônicas de poder. Ou seja, quase caindo na mesma armadilha que ele mesmo tentou se desvencilhar. O desenvolvimento de uma sequência de grades ideais e universais constituiria um desserviço para a compreensão da realidade, que não é homogênea ou reprodutível. Com isso, a pesquisa não deve apenas aplicar uma sequência de grades previamente estipuladas, devendo estabelecer uma relação construtiva com o objeto empírico que consiga selecionar, identificar e desenvolver conceitos - ou melhor dizendo, noções - vinculadas ao tema, contexto e objetivo do estudo específico.

De qualquer forma, o repertório teórico metodológico é imprescindível para possibilitar uma análise complexa da realidade, fato que parece ser reconhecido pelo autor ao levantar as qualidades presentes em cada grade destrinchada. Esta noção gradeada em níveis não sucessivos será utilizada como norte da investigação empírica na Vila João Migliari e no Eixo Platina, movimento que estabelecerá relações constantes entre a prática cotidiana, os usos do espaço, sua forma e especificidades. Não pretendo simplesmente replicar as grades elencadas por Lefebvre, mas de tomá-las como uma referência importante no trabalho.

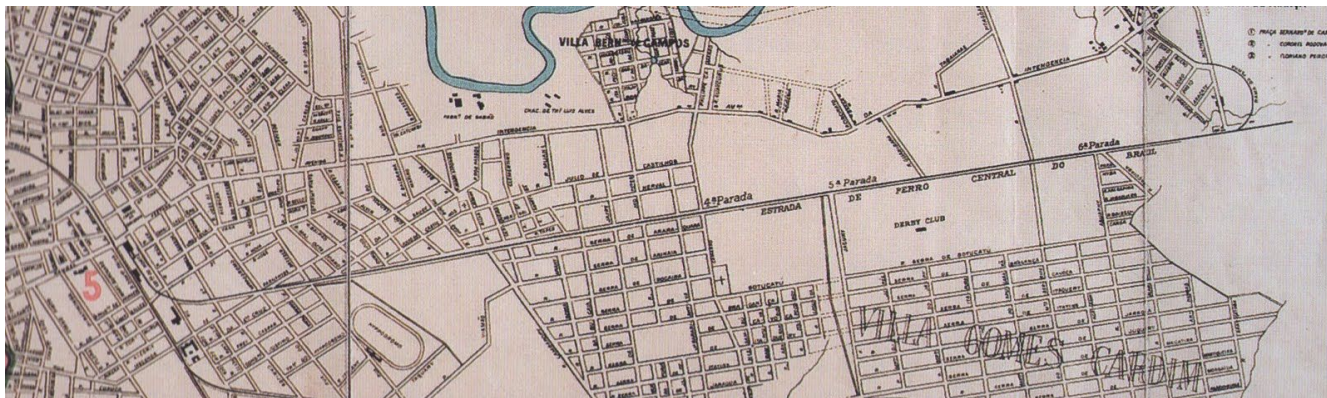
4. Tatuapé: os momentos do bairro na produção da cidade

4.1 O Origem e formação do bairro

Segundo Abarca (1994) a área que compreende o distrito do tatuapé tem origem indígena e os povos originários que ali viviam já conheciam aquele lugar por Tatuapé, nome que referencia a abundância de tatus que ali se encontravam e os caminhos que eles deixavam pela terra. A toponímia de Tatuapé vem do Tupi Guarani: “Tatu”- “Apé” que significa “caminho de tatu”. Em 1560 a localidade se transformou em sesmaria de Brás Cubas, no momento em que a colonização portuguesa retalhou as terras indígenas para expropriação pelos colonos. O bandeirante, ao receber uma imensa sesmaria em Santos, juntou um punhado de outros bandeirantes e empreendeu uma caça aos preciosos minérios, principalmente o ouro. Traçou um caminho que imaginava ser os fundos de sua sesmaria e adentrou a mata atlântica até descobrir o Ribeiro Tatuapé. Ao descer o vale deste ribeirão foi até o próximo encontro no Rio Tietê e bem perto do ângulo destes dois cursos d'água plantou um rancho, a chamada Fazenda Piqueri, requerida via petição em 1567 e fazendo referência aos índios Piqueris que ali viviam e foram supostamente homenageados.

É este terreno que muito tempo depois, no século XIX, passa a ser um grande fornecedor de telhas, tijolos e areia para construir a São Paulo da época. A região de várzea também era famosa pela argila de boa qualidade devido aos chãos varzeanos que eram excelentes para a indústria oleira. Em 20 de outubro de 1887 com a Lei nº 3348 foram regulados os arrendamentos no Tatuapé visando a ampliação das olarias para baratear os custos dos materiais de construção que estavam inflacionados na cidade. Os arrendamentos em lotes de 60 x 80m nesta área argilosa também se estenderam a outras várzeas como a do Pari e do Catumbi. O porto Piqueri no Rio Grande era de muita serventia para estas olarias que, posteriormente, inclusive, foram ligadas por um canal facilitando o transportes dos barcos. O movimento era grande no antigo Rio Tietê, enquanto ainda era tortuoso e com águas limpas.

Em 1887 o italiano Benedito Marengo, que já estava em terras tupiniquins há 10 anos, fundou na altura da 6ª parada da ferrovia Central do Brasil a Chácara Marengo. A gleba foi difícil de se obter, mesmo com a já planejada colonização no local com a expansão lenta de São Paulo. Inicialmente tinha 24.000 m², mas anos depois ela quadruplicou alcançando 94.000 m². Já em 1889, dois anos após a obtenção do terreno, Marengo pediu para que parentes que estavam na América do Norte trouxessem uma boa quantidade de mudas de uva, as famosas uvas Niágara até então desconhecidas no país. Com sua prática anterior e tradição do cultivo de uvas na família, não tardou para que a uva fizesse sucesso e para que praticamente todos da cidade conhecessem sua produção.



Mapa 2: Mapa de 1897, Planta Geral da Capital de São Paulo - Organizada por Gomes Cardim.
Fonte: ArquiAmigos | Museu Paulista - USP

A Ferrovia Central do Brasil que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro - ao se incorporar com a Estrada de Ferro do Norte em 1896 - criou o ramal São Paulo em que a quinta parada era no Tatuapé, na rua Tuiuti, onde hoje se localiza a estação do metrô Tatuapé.

As ferrovias, não obstante os progressos alcançados pelo automobilismo, constituem os grandes eixos do desenvolvimento suburbano. Isto por várias razões: a) suas qualidades intrínsecas, b) o fato de ainda não se admitir grande indústria longe da ferrovia, c) a presença do trinômio *ferrovia-terrenos grandes, planos e baratos-água fluvial* em grandes extensões, importante atrativo para a implantação industrial, d) o fato de algumas ferrovias percorrerem ou atingirem a principal zona industrial da cidade, e assim atraírem a fixação de operários aos arredores das estações suburbanas, e) o desenvolvimento anterior já adquirido pelos "povoados-estação" a atrair novas indústrias, assim como moradores, f) a quase inexistente participação da classe abastada da população na suburbanização residencial, a qual, se o fizesse, provavelmente o faria através de automóvel. (LANGENBUCH, 1971, p. 177)

A crescente valorização mercantil das várzeas e terras baixas ao longo dos rios que permeavam a cidade foi brutalmente impulsionada pela presença das ferrovias que alteraram a dinâmica de ocupação da cidade. A companhia São Paulo Railway, em 1867, conecta São Paulo ao porto de Santos, fato este que muda drasticamente a dinâmica dos transportes na região. Em 1875 a companhia já tinha avançado sobre as varzeas do Tamanduateí traçando paralelos ao rio e já conectava ramais importantes com a ferrovia Sorocabana e a Central do Brasil. Os traçados foram acompanhando as várzeas com o intuito de baratear os custos na implementação já que não tinham que enfrentar grandes variações na topografia e obras a fim de possibilitar a continuação do traçado férreo.

Mais tarde, nos anos de 1960, surgem os primeiros comércios para atender a crescente população. Para melhorar o fluxo dos transportes, foi inaugurada a Radial Leste, uma das principais avenidas de São Paulo até hoje. Na época, a via foi um importante fator de urbanização, uma vez que era o principal caminho entre a Zona Leste e o Centro. Os registros por ortofotos nos conta que na época da foto abaixo, em 1958, a vila contava com as 60 casas (já que cada bloco que aparece na imagem são de 5 casas). Foi o registro mais antigo que encontrei da Vila.



Figura 1: O Fragmento estudado a partir de uma Ortofoto de 1958 e Vila João Migliari destacada em preto | Fonte: Geosampa

Já na década de 70, com a reestruturação produtiva e a desindustrialização, as indústrias deram lugar à construção de imóveis residenciais, que se intensificaram entre as décadas de 80 e 90, quando as fábricas foram desinstaladas completamente. Inicia-se então um boom imobiliário que perdura até os dias de hoje no bairro Tatuapé, com redução total da indústria e ampliação do comércio.

Industrialização em São Paulo

Precisamos fazer uma breve discussão sobre a industrialização e a urbanização na metrópole paulista para continuar no entendimento dos propósitos deste trabalho. A urbanização desta cidade está fortemente ligada ao processo de industrialização, com o escoamento do capital do café e com o crescimento em importância financeira da cidade alcançando a hegemonia no plano nacional. A industrialização foi um fator muito importante para a estruturação dos bairros, sobretudo a partir do final do século XIX e a partir da segunda metade deste século que irei discorrer sobre neste tópico. Este trabalho buscou através da fundamentação teórica desvendar novos processos do urbano vistos a partir do fragmento escolhido, portanto, a indústria para a cidade e o Estado de São Paulo só pode ser entendida com sua relação com a formação da cidade e vice-versa, isto é, ela é o motor de indução do crescimento e desenvolvimento desta cidade.

Para entender as transformações no bairro precisamos retomar o contexto da industrialização na cidade de São Paulo. O que se observava no final do século XIX passa a tomar forma no começo do século XX com um salto quantitativo da indústria paulistana.

"Dentro do quadro de integração do crescimento industrial com o complexo cafeeiro, é inegável que será no centro econômico mais importante do país, quanto às atividades relacionadas com este setor, que a dinâmica do processo de industrialização será mais intensa. Assim, a cidade de São Paulo já desponta no início do século como o centro urbano em que o parque fabril de indústrias tradicionais encontrará as condições mais favoráveis para o seu desenvolvimento. Tal fato explica-se por vários fatores, entre os quais a importância da cidade como centralizadora de capital mercantil oriundo da atividade cafeeira e das atividades comerciais, e além disso, por centrar geograficamente os fluxos de transporte ferroviário entre a "hinterlândia" cafeeira paulista e o porto exportador" (COSTA, pg. 15, 1982)

O processo de industrialização do Estado de São Paulo, segundo a historiografia de Martins (1973) e Costa (1982) inicia-se na década de 80 do século XIX propiciada pelo processo de acumulação do café, produto este que também foi responsável por mudanças na comunicação e no transporte do estado e que ajudaram na implementação da indústria pela estrutura anteriormente disposta neste território. A ferrovia - mencionada anteriormente no breve panorama da história do Tatuapé - é um fator essencial neste cenário. Construída com investimentos de capitais públicos e privados (nacional e inglês), o grande símbolo da Primeira Revolução Industrial, condicionou a construção de muitas vilas (que participaram do processo de industrialização em uma escala estadual) ao seu redor durante o século XIX e também a estruturação de bairros a posteriori. Como nos mostra Reis Filho (1968) entre 1851 a 1899 presenciamos o primeiro surto de criação de municípios quando surgem 109 sedes e a partir de meados do Século XIX, principalmente a partir da instalação de linhas ferroviárias que o cenário paulista sofre mudanças e se prepara para receber a implantação de aproximadamente 400 sedes municipais na primeira metade do Século XX.

No caso do Estado de São Paulo, a cidade não precedeu a indústria, mas cresceu junto com ela. O Estado foi o nascedouro da industrialização no Brasil e junto com este processo se deu a urbanização. Conforme pode-se observar na Tabela 1 é a partir da década de 1880 que se inicia o crescimento constante e significativo do número de estabelecimentos industriais em São Paulo. Em 1912, era o Estado que tinha o maior número de estabelecimentos fabris que pagavam imposto de consumo. De acordo com Azevedo (1958), em números brutos e em escala nacional, dos 9475 estabelecimentos em atividade no Brasil, 3321 se localizavam em São Paulo, 1199 no Rio Grande do Sul, 732 em Minas Gerais, 642 no Distrito Federal, 587 no Rio de Janeiro e os demais distribuídos em outros estados.

TABELA 1 – REPARTIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS SEGUNDO SUAS DATAS DE FUNDAÇÃO

DATAS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS
1850-54	2
1855-59	-
1860-64	1
1865-69	2
1870-74	7
1875-79	4
1880-84	23
1885-89	55
1890-94	138
1895-99	161
1900-04	334
1905-09	414
1910-14	1038
1915-19	1867

Tabela 1: Repartição dos Estabelecimentos industriais segundo suas datas de fundação no Brasil | Fonte: Sartori, 2013

O Censo de 1920 apontou São Paulo como maior centro industrial e também como a segunda cidade mais populosa, atrás apenas da Capital do País na época, o Rio de Janeiro. Cabe também salientar que nesta época, segundo o mesmo Censo e a fonte do livro "A Cidade de São Paulo", as indústrias de alimentação, química e farmacêutica e a têxtil se destacam em números de estabelecimentos e também no valor de produção.

No final da década ocorre a crise de 1929 à 1933 e a industrialização entra em uma nova fase que Celso Furtado defendia como fruto da defesa, por parte do governo, do setor cafeeiro nos anos da grande depressão. Assim houve um programa nacional de fomento da renda e de uma formação do mercado nacional, tratando a crise a partir de uma política anticíclica. A industrialização posterior à crise foi induzida principalmente pelas mudanças estruturais causadas pelo declínio do setor exportador, devido ao cenário internacional. Portanto, o papel do setor exportador (numa economia agrária-exportadora) mudou naquele período e deixou de ser o principal determinante do crescimento da renda interna que diminuiu com o cenário. No entanto a política governamental viu como estratégico a criação da importação de bens de capital essenciais, estes nos quais foram importantes para o investimento na indústria de transformação.

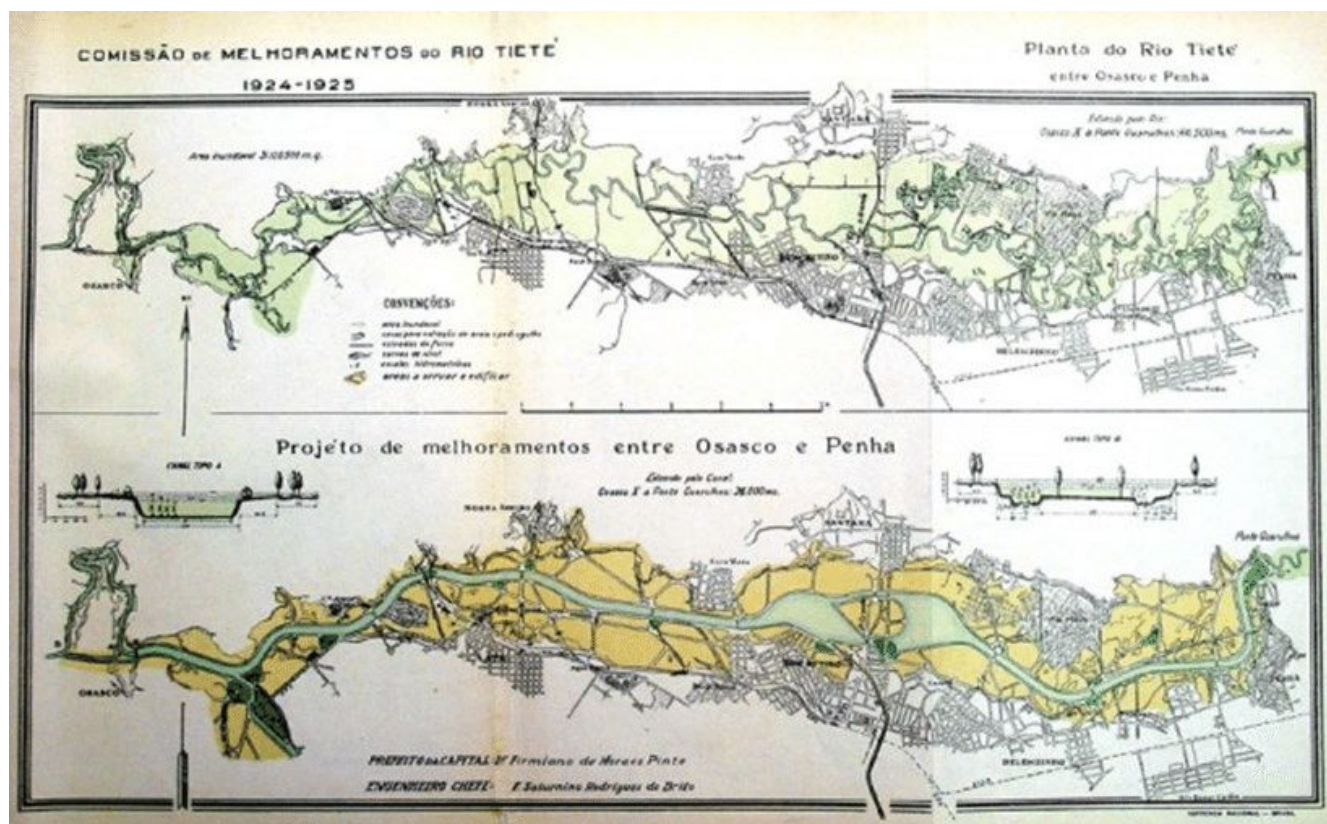
Nas décadas de 30 e 40 a indústria nacional de bens de consumo não duráveis se consolida, ocorre um avanço considerável na indústria de insumos e há um início de produção de bens de capital. Importante salientar que desde a metade do século passado, isto é 1850, a cidade de São Paulo se torna o principal centro de imigrantes principalmente os italianos, espanhóis e portugueses que além de trabalhar nas terras cafeeiras passam, anteriormente, a fazer parte da força de trabalho da indústria que estava se formando. Nesta época, Costa (1982) aponta que já é possível de observar que a indústria nacional, por contar com pouco dinheiro e competitividade em âmbito nacional se instala na cidade pela possibilidade de rebaixamento dos custos de produção dados pela obtenção de energia, facilidade no acesso ao sistema ferroviário, presença considerável de mão de obra, proximidade do porto para a importação de matéria prima e bens de capital. Também caminhava a formação de um mercado consumidor em âmbito nacional, mas pouco capilarizado e integrado, portanto contar com o mercado consumidor de uma cidade populosa como São paulo possibilitaria o escoamento da produção sem necessitar de transportes longos em escala nacional, algo que tornaria mais difícil visto o baixo investimento na época da industrialização.

Industrialização no Tatuapé

No trabalho, a Vila João Migliari foi escolhida como um espaço simbólico da relação que a industrialização tinha como norteadora e indutora do processo de urbanização. Deste modo, o momento que inicia a análise do objeto, parte da concepção de que os "Bairros além Tamanduatéi (ANDRADE, 1991) passam a estar estritamente ligados ao processo de industrialização e urbanização, catapultados pela proximidade do rio e pela ferrovia Central do Brasil. O bairro do Tatuapé aparece a reboque deste processo, tardiamente, de modo desigual e permeado por anacronismos. Sua dinâmica rural de chácaras assistiu a introdução de olarias e vinícolas no final do século XIX. A vila começa a ser construída, de acordo com o registro imobiliário, na década de 1940, mas o registro mais antigo aparece em forma de mapa e é de 1958 (ver Figura 1).

A industrialização no bairro do Tatuapé inicia a reboque da industrialização nos bairros vizinhos, como mencionei muitas vezes neste trabalho. A primeira fábrica de grande porte que se tem registros no bairro, segundo os levantamentos de (Sartori, 2013), surge em 1928 nos fundos da chácara da família Azevedo Soares fundada pelos irmãos Edgar e Lorival e registrada como Duperial - Companhia Imperial de Indústrias Químicas. A fábrica remonta o início da industrialização no bairro que se estende de 1928-1970.

Ouso dizer que o Tatuapé pode se encaixar nos bairros além Rio Tamanduateí, como Brás, Mooca e Belém, mas fica entremeado pelo Rio Tietê. Assim, sua industrialização ocorre a medida que as fábricas extrapolam as margens do Tamanduateí e passam a também se espalhar pelas margens dos dois lados do bairro do Tatuapé. Os primeiros projetos de retificação dos rios na cidade de São Paulo foram realizados a partir de 1842. O primeiro rio a ser retificado na cidade foi o Tamanduateí, cuja obra terminou em 1841 (JORGE, 2006). Mas é na década de 20 do século XX que a retificação do Tietê ganha força no debate público e político e já podemos ver projetos como o desenvolvido pela Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê que pretendia retificar o rio no trecho entre Osasco e o bairro da Penha conforme mostra a imagem abaixo:



Mapa 2: Mapa de 1924-1925 retratando a planta do Alto Tietê entre o município de Osasco e o bairro da Penha e o projeto coordenado pelo engenheiro sanitaria Francisco Saturnino Rodrigues de Brito | Fonte: Jorge, 2006

Todavia a retificação do rio tem uma pausa na construção durante a grande depressão de 1929-34 e com a dita Revolução constitucionalista de 1932 e só passa a realmente avançar na década de 1940-60 seguindo sobretudo os estudos de João Florence de Ulhôa Cintra a partir de 1937. Seu trabalho foi batizado de "Projeto Cintra" e foi executado paulatinamente nas 2 décadas seguintes. O projeto previa a canalização e o aprofundamento de 4 metros da cota do rio no trecho entre Guarulhos e Osasco, ou seja, no trecho do rio que está dentro do município de São Paulo. Os dois diques propostos por Saturnino de Brito não foram executados, pois, segundo Cintra, eles poderiam se romper, causando uma enchente devastadora. Nesta época houve também muita disputa entre os interesses por detrás da retificação tratando sobre as enchentes, projetos inacabados, cota máxima do rio que quanto mais alto beneficiava a produção de energia, mas propicia alagamentos, enfim, no campo privado 2 grandes empresas, envolvidas também na retificação do rio pinheiros, a canadense The São Paulo Tramway Light and Power, mais conhecida como Light, e a loteadora inglesa Companhia City tiveram forte influência na construção, exploração e especulação das áreas de várzea dos rios Pinheiros e Tietê.

Por fim cabe registrar que para compreender este novo momento da produção do urbano e as transformações socioespaciais no fragmento do Tatuapé compreendido pela Vila Gomes Cardim é imperativo que partamos do princípio da ligação entre industrialização e urbanização, que já foi tratada em outras ocasiões neste trabalho, e que o período de crescimento e expansão de São Paulo se deu de forma desigual e disforme nas regiões da metrópole e ao longo de um curto espaço de tempo. No Brasil, um país com dimensões continentais de 8.500.000 km², ex-colônia, tardiamente industrializado e

periférico sua industrialização se materializa muito diferente, todavia é difícil escapar do Estado de São Paulo para debater a questão, visto que a gênese deste processo no Brasil se deu aqui. Cabe lembrar que no presente trabalho não busquei como objetivo discorrer longamente sobre a industrialização em São Paulo e contar por onde começou, aonde continua, como acabou e por onde acabou, enfim, deixo esta tarefa para outros colegas, mas creio que fazer este retrospecto breve é importante para os objetivos que trilhei nesta pesquisa.

Por fim, segue abaixo uma listagem das 11 indústrias que encontrei registro que já se situaram no fragmento estudado durante a Industrialização do Tatuapé.

1. Calimaq Usinagem e Solda	R. Padre Estevão Pernet, 875
2. Colou Indústria de perfilados de Ferro	Av. Azevedo, 100
3. Editora Brasiliense	R. Airi, 22
4. Etiquetas Bandeirantes	R. Padre Estevão Pernet, 597
5. Industria de Molas e Estamparia Adonis	R. Platina, 1000
6. Tecelagem Saturnia S.A	R. Platina, 567 e 575
7. Industria e Comércio de autocapas Viaduto	Av. Azevedo, 319
8. INFEL - Fundação de pias e banheiras	Endereço não encontrado
9. Irmãos Jamelli	R. Visconde de Itaborai, 319
10. Pitanguina Indústria de escovas	R. Platina, 252
11. Tecelagem Meridional	R. Serra do japi, 467

Lista 1: Levantamento de indústrias no Fragmento estudado | Fonte: Sartori, 2013.

4.2 - Reestruturação Urbano-Industrial

Já falamos aqui diversas vezes que é a concentração das indústrias e o processo de industrialização que estruturou a urbanização, logo, formou o que entendemos como a formação da cidade de São Paulo e de suas cercanias, a hoje conhecida como Grande São Paulo. Mas sobretudo pós 1970 foi a dispersão industrial quem reestruturou a metrópole. Milton Santos, nos anos 90 quando a discussão sobre a Reestruturação Industrial estava aquecida, mencionou que esta reestruturação causada pela dispersão é o dismantelamento do espaço anterior constituindo assim uma oposição aos antigos mecanismos que lhe construíram, ou seja, se a industrialização formou o "espaço anterior", a dispersão industrial deste espaço forma um "novo espaço" constituído por novas formas de concentração.

Sandra Lencioni, uma das grandes especialistas sobre a Reestruturação Urbano-Industrial, apontou alguns elementos capazes de assinalar esta mudança. Irei utilizar dois destes indicadores para demonstrar o movimento chamado de mecanismo de dispersão: Valor da produção Industrial e Emprego.

Estado de São Paulo — Valor da Produção Industrial
1940-1985 (%)

Anos	Região Metropolitana	Capital	Interior
1940	64,5	53,9	35,5
1956	66,6	54,2	33,6
1960	71,1	51,7	28,9
1970	70,7	43,7	29,3
1980	58,6	30,1	41,3
1985	56,5*	—	43,5

* Inclui a Capital.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (FIBGE)².

Tabela 2: Valor da produção industrial no Estado de São Paulo | Fonte: Lencioni, 2002

A primeira tabela deste par de mecanismos demonstra a queda da relativa da importância da capital e da região metropolitana no valor da produção industrial em relação a tendência de crescimento do interior. O ponto de inflexão se dá nos anos 70. Percebe-se que dos anos 40 até os anos 70 a industrialização na Grande São Paulo encontrou seu auge e como mencionei no tópico anterior da industrialização da cidade e do bairro do Tatuapé, foi neste momento que a Vila João Migliari foi construída e expandida.

Estado de São Paulo — Emprego na indústria
1970 — 1980 — 1988(%)

	1970/1980		1980/1988	
	1970	1980	1980	1988
Região Metropolitana	70,0	64,1	66,2	61,6
Interior	30,0	35,9	33,8	38,4
Litoral	1,8	1,7	1,7	1,6

Tabela 3: Emprego na indústria no Estado de São Paulo | Fonte: Lencioni, 2002

Vemos na tabela acima que o número de empregos, além de demonstrar qualitativamente ser de grande valia para assinalar que houve dispersão industrial em espaços na metrópole, também é capaz de demonstrar quantitativamente a tendência de queda do percentual de empregos na indústria na Região metropolitana, incluindo a capital e a tendência de crescimento na criação de empregos no interior.

Parte da dispersão industrial pode ser explicada pelas políticas estaduais que forneceram benefícios e incentivos para que o empresariado fosse orientado a mudar de localização. Os eixos rodoviários que foram se constituindo nas décadas anteriores possibilitaram também esta mudança, isto é, a Rodovia Presidente Dutra, a rodovia Anhanguera e a rodovia Presidente Castelo Branco. Assim, regiões que podiam ser acessadas por estas rodovias foram beneficiadas. Também houve políticas para que diminuíssem os números de indústrias numa região metropolitana populosa e que sofria com a poluição e com a dificuldade de locomoção em suas vias.

Lencioni observou que a política de desconcentração industrial abrangeu um raio de 150km a partir da capital e que respeitava as rodovias acima mencionadas. Mas é importante mencionar que este crescimento se manteve, principalmente, em cidades e regiões que já estavam inseridas nos processos de concentração industrial paulista. Regiões como o Vale do Paraíba, a cidade de Campinas, Sorocaba, Bauru e Ribeirão Preto são localidades que tem raízes históricas na industrialização do Estado de São Paulo que remontam desde os anos 20 do século XX. A título de explicação, como aponta a Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) em 1988, o conjunto de Campinas e Sorocaba empregava 21,2% dos operários da indústria paulista e 72% do operariado do interior. Todavia, a região metropolitana na época ainda empregava 70% do operariado do Estado.

Portanto para traçar o que se entende por Reestruturação Urbano-Industrial é preciso antes que o leitor não caia na armadilha interpretativa que a industrialização do interior acarretou na desindustrialização da metrópole. O que aconteceu naquela época e pode ser visto até os dias de hoje foi a mudança do espaço em que a cidade de São Paulo passa a ser o lugar das tomadas de decisões, do comando, dos serviços do setor terciário e um ambiente que floresce desigualmente inovação e atraso.

Sandra Lencioni nos explica que é importante para captar esta mudança a compreensão do processo de centralização do capital. Isto é, o processo de "associação, absorção ou fusão de capitais individuais

sob o mesmo controle" (LENCIONI, p. 204). Esta ampliação pela centralização de frações individuais que se aglutinam.

O que importa dizer é que centralizar é associar capitais já formados. A centralização constitui um processo em que frações individuais de capital se reagrupam. A base da ampliação da escala de produção se dá pela incorporação de capitais já formados. Trata-se, a rigor, da abolição da autonomia individual do capital, ou seja, de expropriação de um capitalista por outro capitalista, que transforma muitos capitais menores numa maior magnitude. A centralização é, portanto, uma reorganização da distribuição da propriedade dos capitais, do seu controle. (LENCIONI, 1998, p. 204)

Então, todo o processo da Reestruturação Urbano-Industrial em que a dispersão industrial está inserida esta fortemente ligada ao processo de centralização do capital. Desta forma, uma empresa tem a capacidade de controlar, comandar, mobilizar os diversos ciclos de valorização do capital nas unidades de produção que não necessariamente estão naquele espaço. Este "novo espaço", pensando de forma abstrata e para remeter a ideia em que iniciei este tópico, em que antigas indústrias e vilas de aluguel não estão mais lá e passam a ceder espaço (ou tratorar o mesmo caso não ceda) para prédios corporativos de alto padrão com uso misto para salas de consultoria e escritórios que passam a comandar a valorização do capital a distância graças a revolução das telecomunicações e da informática em que pelo meio da tecnologia esta dominação e a metamorfose do lugar se possibilita.

A reestruturação Urbano-Industrial produtiva cria novos negócios e produtos imobiliários como alternativa ao processo de dispersão industrial segundo (BRENNER, 2013)¹ o espaço e o tecido urbano são continuamente e incessantemente transformado e recosturado mediante aos processo de reestruturação. Desta forma, as indústrias se deslocam para outras localidades, ou mesmo fecham e isto cria ali uma ruína, um espaço grande e vazio aonde o mercado imobiliário avança, seja para verticalizar e valorizar o espaço com condomínios fechados ou para construir prédios corporativos. A Porte, por exemplo, iniciou sua trajetória na Zona Leste focando em prédios de luxo no Anália Franco e agora parece diversificar sua estratégia através de prédios corporativos ou de uso misto no Tatuapé, como podemos observar pelos empreendimentos do Eixo Platina.

Os empreendimentos do Eixo Platina da Porte Engenharia e Urbanismo (que ameaçam a destruição da Vila João Migliari) apresentam características representativas do movimento de reestruturação: i) verticalização; ii) intensa valorização imobiliária; iii) reorganização do bairro; iv) empresariamento do espaço; v) uso comercial e corporativo; vi) expulsão dos antigos moradores; vii) mudança no perfil de classe.

A reestruturação transmite a noção de uma ruptura com tendências seculares e de uma mudança em direção a uma nova ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca, pois, uma combinação sequencial de destruição e tentativa de reconstrução, provenientes de certas deficiências ou debilidades na ordem estabelecida que impedem adaptações convencionais e requerem, por sua vez, significativa mudança estrutural [...] A reestruturação origina-se na crise e em um conflito entre o velho e o novo, entre uma ordem preterida e uma ordem 'projetada'. (SOJA, 1987 apud BRENNER, 2013)

1 . BRENNER N. (2013). Reestruturação, Reescalamento e a Questão Urbana. GEOUSP Espaço E Tempo (Online), (33), 198-220.

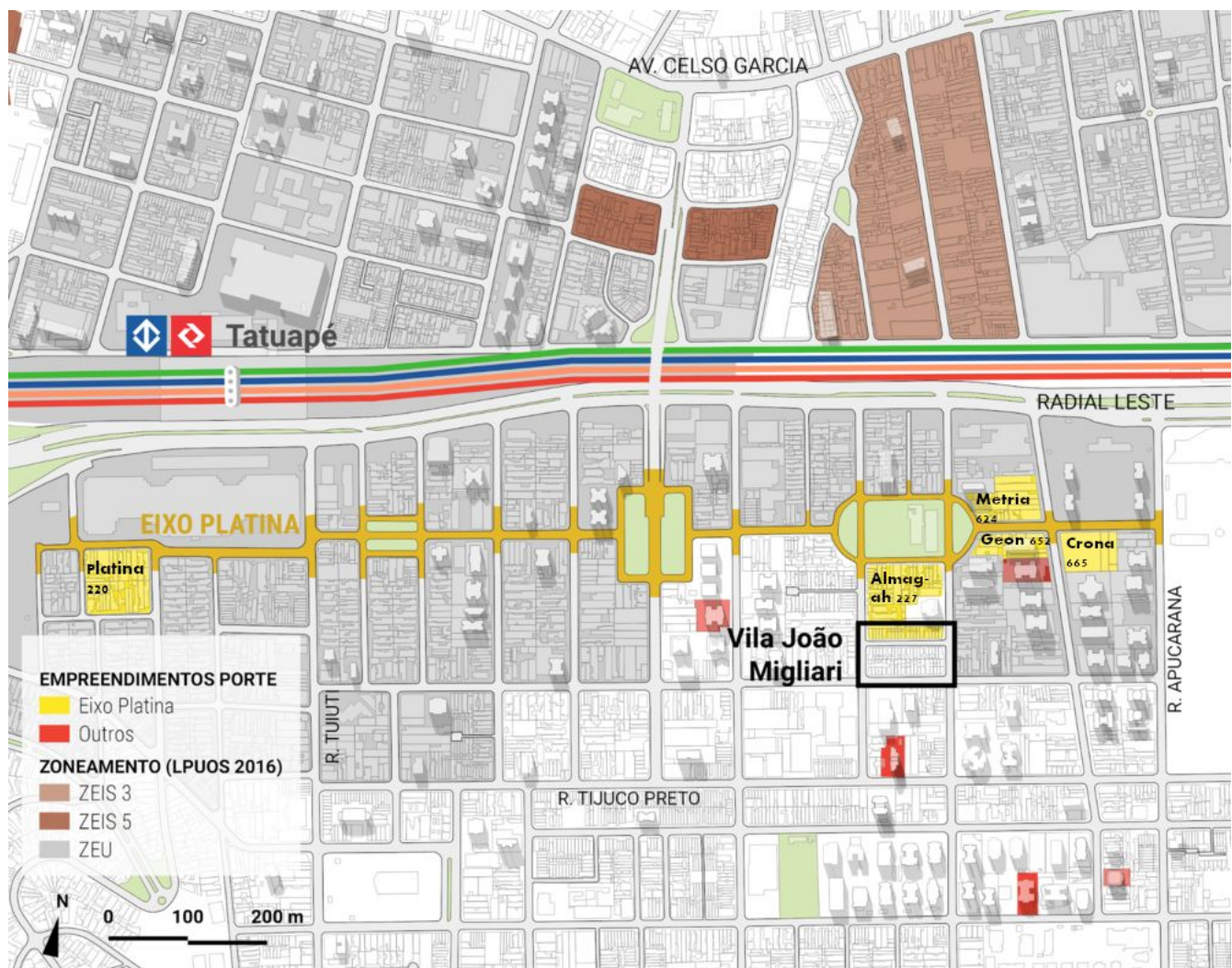
A noção de ruptura da fase industrial - coincidente com o momento Auge da vila - para a fase da hegemonia financeira - coincidente dos últimos dois momentos, em espacial, o último - será mobilizada sob o movimento regressivo, parte do método progressivo-regressivo, empregado na Vila João Migliari visando desvendar a relação entre espaço e indústria mobilizada no segundo quartel do século XX. O movimento progressivo habilita demonstrar como nestes dois momentos (Deformação e Demolição, compreendidos no último quartel do século XX e no primeiro do século XXI, respectivamente) os espaços urbanos são transformados de forma desigual dentro do processo de reestruturação urbano-industrial.

4.3 - As transformações no bairro: observações de campo

O Eixo Platina

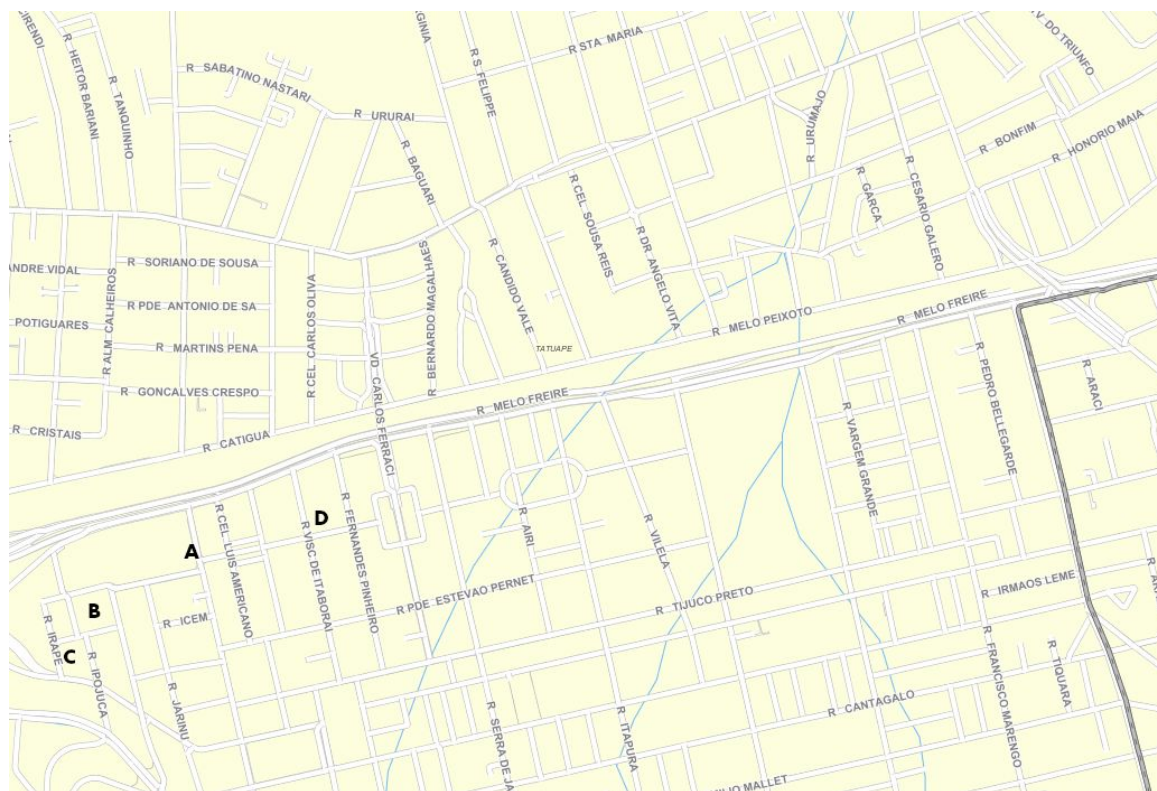
A seguir, vou descrever brevemente o que é o projeto do Eixo Platina a partir do discurso publicitário e mercadológico da Porte Engenharia e Urbanismo. Ao longo do trabalho o que a Porte pretende o significado do projeto para o bairro ficou bem explícito, então creio que contar como é vendida a ideia do projeto, que já se encontra em estado bem avançado de entrega em 2022, é uma forma de inserir bem o leitor na problemática.

O projeto é ousado e ganhou forma em 2014 com a demolição de 1/3 da Vila João Migliari para a construção de Almagah 227. Paralelamente a isto, a empresa foi comprando terrenos e avançando nas obras dos cinco empreendimentos sendo que focou primeiramente no Geon, que já está entregue e funciona principalmente como área comercial no térreo com restaurantes, padarias e afins; o Crona que está quase entregue e será 100% de uso corporativo com lajes corporativas e coworkings; Platina 220, um dos mais ousados, será o prédio mais alto da cidade batendo as 5 décadas de predominância do Mirante do Vale e contará com 172 metros de altura, sendo mais alto que o já problemático prédio, também da Porte, Vigueira Alto Tatuapé no miolo do bairro que tem 168 metros. O Platina 220 terá 5 usos: lojas no térreo, hotel e residências nos primeiros 10 andares, comercial do 10º ao 23º e corporativo do 23º pra cima. Já o Almagah 227 fica no miolo do bairro e está em diversos mapas e imagens ao longo do trabalho. Será um prédio com uso corporativo, comercial, residencial e hoteleiro, assim como o Platina 220, mas também pretende ter áreas para uso educacional, varejo, entretenimento, saúde e espaços culturais. Conterá com um teatro para 1500 pessoas, um centro de convenções de 8500m² e um complexo de cinemas. O eixo está entre as estações Carrão e Tatuapé do metrô e próximos a Radial Leste. Uma área de adensamento.



Mapa 1: Localização do Fragmento (mapa dos arredores do Eixo Platina) | Elaboração: Pedro Mendonça | Adaptação: Lucas Vannucchi Leme Ramalho. | LabCidade - FAU USP | 1: 8000

Grande parte desse campo foi feito no final de 2019 e conta com minhas primeiras impressões sobre as transformações do bairro. Realizei outros campos para conferir os andamentos das obras em 2020, mas com a pandemia acabei diminuindo a constância de visitas e minha última visita foi em setembro de 2021. A medida que o tempo ia passando as obras iam avançando numa velocidade assustadora. Fotografei como está o bairro em setembro de 2021 e julguei melhor ficar no final do trabalho. A seguir fiz um mapa para contextualizar aonde ficam essas quatro fotos no fragmento.



Mapa 3: Identificação das fotos do campo de 2019. | Fonte: Geosampa

Fui a campo em uma terça-feira pela manhã. Fui de metrô até a estação Tatuapé da linha vermelha. Por volta das 10h30 da manhã desci pelo lado da Rua Melo Freire/ Avenida Radial Leste. A escolha de ir de metrô e descer ali - além da facilidade - se justifica pela aproximação com o que o discurso imobiliário da Porte Engenharia e Urbanismo que coloca a proximidade com o metrô como um grande atrativo de seus empreendimentos. Ao sair logo vejo a lateral do Shopping Tatuapé, outro grande atrativo, que desde o final dos anos 90 alterou a dinâmica do bairro. Andando pela Rua Tuiuti vejo que o movimento é intenso de pedestres e um comércio bem ativo.



Foto 1: Comércio da esquina da Rua Tuiuti com a Rua Platina. Identificado com "A" no mapa



Foto 2: Empreendimento Platina 220 da Porte Engenharia e Urbanismo. Identificado como "B" no mapa.

Um pouco mais adiante já é possível ver o começo da famigerada Rua Platina, que apadrinha o nome do ambicioso projeto da construtora. Virando de costas vejo um imponente guindaste na Rua Caraguatai que fica aos fundos do shopping, vou andando nesta direção, curioso pra ver a obra e já imaginando o que veria, e de fato me deparo com o projeto "Platina 220". Nas Fotos no final do trabalho, mostro como tempos depois o projeto se encontra e o Platina 220 já está praticamente pronto.

Percebo que, por mais que carregue no nome, o projeto sequer está na Rua Platina. Relevo este questionamento e me aproximo ainda mais. Os tapumes estão personalizados (Mais adiante percebo que todos os empreendimentos da Porte tem este mesmo tapume), há um trabalhador, provavelmente um eletricitista instalando alguma fiação logo na entrada e há alguns engenheiros com capacetes que me encaram ao ver que tiro foto feito um maluco, algo que fiz o campo inteiro. Andando pela lateral da obra, vejo um poster de um certificado que diz da sustentabilidade da obra, irrelevante pro estudo, mas acrescenta a importante informação que naquele local será construída uma "Laje Corporativa", a nova tendência do mercado imobiliário. Espaçosos escritórios de alto padrão com infraestrutura de ponta, uma enorme frente de valorização de capital. Continuando na caminhada, percebi que atrás do megaempreendimento também há outra obra em andamento, mas desta vez de um condomínio residencial de luxo, porém de outra construtora.



Foto 3: Condomínio residencial em construção próximo ao Platina 220. Identificado como "C" no mapa.

Enfim caminhei no sentido contrário para voltar a Rua Platina. No começo da rua também há vários comércios populares: açougue, mercearia, lanchonete, pequena loja de eletrônicos, farmácia, banca e etc. No quarteirão seguinte há uma pequena praça margeando a rua de ambos os lados. No lado esquerdo há um ponto de ônibus pouco movimentado, que aparenta ser um antigo terminal. Há um aviso de que uma das linhas que passava ali migrou para o Metro Tatuapé. Muito provavelmente outras

também acompanharam a mudança desde a criação do Metrô nos anos 80 e ao espraiamento da Zona Leste que conferiram maior fluidez e importância a vias expressas como a Radial Leste. Ainda neste quarteirão ainda há pequenos comércios entremeados por residências pequenas. Já no quarteirão seguinte o caráter muda drasticamente. A verticalização se intensifica, e o ambiente construído se assemelha a um bairro de classe média. Alguns condomínios fechados começam a aparecer, mas o que chama a atenção é um prédio comercial, Platinum Office Tower, construção esta que aparenta ser do começo dos anos 2000, vitrais espelhados e visual moderno com 12 andares de salas comerciais, muito provavelmente de clínicas.



Foto 4: Platinum Office Tower. Identificado como "D" no mapa.

Mais adiante há outros prédios residenciais e outra praça que circunda a rua e é dividida pela Avenida Azevedo que atravessa a Avenida Radial Leste. O ambiente construído volta a mudar mas desta vez para construções mais antigas e menos verticalizadas, há alguns trechos em que a rua é constituída de paralelepípedos. Eis que ao chegar na interrupção da Rua Platina com a Praça Barão de Itaqui avisto o outro empreendimento da Porte Engenharia e Urbanismo, o Almagah 227, mega empreendimento de uso misto e o maior do Eixo Platina. É esta obra que destruiu um terço da Vila João Migliari e que

pretende destruir o resto. O terreno já está limpo e o terreno está sendo preparado para inauguração do estande de vendas. O terreno já demolido proporciona uma visão ampla do fragmento e é perceptível a grande verticalização desta região. Prédios bem altos quase tampam o horizonte. Tudo indica que nos próximos anos todo este espaço vai ser preenchido por duas grandes torres, aonde a uma das torres, que ficará com sua lateral para a Rua Platina, será a maior delas e a segunda, que para ser construída precisará destruir a Vila João Migliari, é a torre menor. Ambas ligadas por um anel. Edifício com arquitetura semelhante aos encontrados na Avenida Berrini. Não por acaso, os 4 empreendimentos da Porte para o Eixo Platina possuem viés corporativo. Se seguirmos na Rua Platina, logo após a Praça Barão de Itaquí avistamos os outros 2 empreendimentos do Eixo: Vilela 652 e Crona 665. O primeiro está quase pronto e provavelmente vai ser o primeiro empreendimento da Porte a estrear na região. Para João Cláudio do setor comercial da Porte Engenharia e Urbanismo: "Este empreendimento vai ser a torre de salas comerciais mais sofisticada e moderna da região leste. Com 24 andares, 10 salas por andar e 8 elevadores de altíssima velocidade". O Crona 665, assim como o Platina 220, é constituído por 18 lajes corporativas de 800m². Na rua Itapura, perpendicular a Platina e praticamente vizinha com estes dois empreendimentos também há outra Laje Corporativa em construção, porém da construtora Namour.

Após andar mais um quarteirão e observar a Rua Platina e o Eixo Platina em sua completude, voltei para a Vila João Migliari para iniciar sua compreensão. Chegando lá saltam os olhos a conservação da vila. Em um Tatuapé diverso e com usos distintos que pude compreender apenas andando pela Rua Platina é incrível como esta Vila ainda resiste ali, na parte mais verticalizada em meio a vários prédios de luxo e futuros edifícios corporativos. Rodeio ela e não vejo um movimento grande de moradores, não parece que moram pessoas ali. Quando estou prestes a terminar a volta que dou pela Vila percebo que parte dela, na Rua Padre Estevão Pernet, é constituída por escritórios de advocacia, clínica de psicologia, consultoria de contabilidade, café, cabeleleiro e uma barbearia. Converso rapidamente com as pessoas que trabalham nestes negócios e descubro algumas informações sobre a Vila e sobre os trâmites entre ela e a construtora Porte. A parte demolida, até agora, foi a única comprada pela construtora. O restante, os outros dois terços, ainda estão com contratos ativos pelos inquilinos. Logo, há tempo ainda mesmo que a pressão entre ambos seja para a venda. O antigo dono faleceu há alguns anos e são seus herdeiros que são os proprietários agora. Descubro que a minha impressão inicial de que haviam poucos moradores ali se confirma. Os poucos que haviam estão saindo já que o proprietário pediu a casa. O que continua na ativa por questões contratuais são os comércios e serviços. Porém, tudo indica que estes contratos são frágeis e não duradouros, além de uma tendência que o proprietário tenha a pretensão de vender a vila por inteiro. Alguns dias depois de realizar o campo, converso com Lucas Chiconi, arquiteto que mora na região e autor do texto no LabCidades que primeiro apontou este confronto entre a construtora, confirmou boa parte do que escutei. Complementou que os atuais herdeiros querem se livrar da Vila para não arcarem os custos das despesas de conservação. O antigo dono exigia que os moradores mantivessem as características originais, porém é perceptível que na parte que concentram os comércios e serviços, algumas casas tiveram a fachada alterada. Talvez isto se deva ao fato de que a Vila nunca foi tombada. Há quem diga que quando os herdeiros ouviram falar de tombamento decidiram começar a venda da vila. Lucas diz que o principal movimento para barrar o avanço da Porte seria o tombamento.

5. Lugar e mundialização

A discussão que pretendo travar neste tópico parte de um duplo pressuposto: a força analítica do espaço e a potência do lugar para a compreensão das transformações socioespaciais. Ambas noções são vitais para a compreensão do objeto estudado, portanto, cabe aqui a tarefa de desenvolvê-las.

As transformações socioespaciais na periferia do capitalismo galoparam do segundo quartel do século XX em diante. Estas transformações enebriaram algumas análises na academia, em especial, no momento identificado como Globalização² em que ao analisar as trocas, o mercado mundial, o "avanço" do capitalismo moderno e os novos regimes de acumulação foi considerado uma suposta Desterritorialização³ entre outras novas considerações nas relações espaço-temporais que julgo serem errôneas. Este posicionamento é defendido por CARLOS (1996) em "O Lugar no/do Mundo".

Não cabe aqui retomar as análises que colocaram o espaço como apêndice das transformações abruptas do final do século XX, mas dar voz aos pesquisadores que viram tudo isto acontecer e possuem outras leituras. Estas profundas transformações espaciais trouxeram análises que, ao ver a tendência exponencial da diminuição de tempo nas relações de produção advindas dos avanços tecnológicos, desconsideraram o Espaço. Cabe aqui, portanto, demonstrar que ao invés da anulação do espaço, o que se anuncia, no campo da análise, é a sua reafirmação, visto que o mesmo se tornou cada vez mais importante dentro das estratégias da reprodução capitalista e na atual conjuntura se realiza no e através do espaço.

O tempo se transforma a cada momento, fica cada vez mais comprimido e capturado. O tempo que levava para chegar do ponto A ao B a cada avanço modal torna-se outro, diminui de maneira estonteante, todavia, as distâncias ainda existem. Ainda é preciso que sejam atravessadas, seja por fluxos de capitais cada vez mais voláteis, mercadorias e os dados e informações que por mais que transitem quase que instantaneamente precisam estar armazenados em ao menos dois lugares. Sobretudo pessoas precisam percorrer as distâncias. O que quero dizer é que por mais que a tendência ilusória da eliminação do tempo esteja cada vez mais presente, o espaço e suas distâncias estarão sempre presentes.

Se as transformações socioespaciais dos novos tempos como a Globalização anunciam tudo isto, elas precisam se materializar em algo concreto e real, e não pairar sob o ar. Segundo CARLOS (1996, p. 15) "no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão mundial. O mundial existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anular-se as particularidades". É no lugar que acontece a produção do espaço e é também nele que se reproduz a vida, desta maneira, a análise não pode fugir das determinações do próprio espaço e de suas possibilidades e se perder nas determinações de fora dele. A busca da totalidade não pode tomar o fragmento como acessório, mas como parte integrante.

CARLOS identifica que a análise do lugar parte da tríade *habitante-identidade-lugar*. Esta noção prevê a necessidade da corporeidade do *habitante*, é através do uso do corpo - extensão única do

2 . SANTOS, M. A. Os espaços da globalização. In: 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 1993, Rio de Janeiro. p. 33-37.

3 . HAESBAERT, R. Desterritorialização: Entre As Redes e Os Aglomerados de Exclusão. In: Iná de Castro; Roberto Lobato Corrêa; Paulo César Gomes. (Org.). GEOGRAFIA: CONCEITOS E TEMAS. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 1995, v. , p. 165-205.

acesso a espacialidade do mundo exterior. São as relações que temos com o espaço habitado que se constituem na vida cotidiana, nos modos de uso, sejam eles os - aparentemente - mais corriqueiros e singelos que acontecem no local, no Lugar. A metrópole e a cidade são produzidas por pessoas, por relações e se revela no plano da vida. O Lugar aparece como o fragmento espacial capaz de ser apropriável pelo indivíduo para reproduzir sua vida, apropriação esta que se dá pelo corpo. É nesta porção do imediato que o espaço pode ser vivido, percebido, pensado e apropriado como possibilidade utópica emancipatória.

"Como o homem percebe o mundo? É através do seu corpo, de seus sentidos que ele constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - apropriado através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade - vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos." (CARLOS, 1996, p.20)

A metrópole ou a cidade pós-implosão não é tida como Lugar já que, por mais que haja possibilidade de deslocamento pelos bairros para alguns e práticas interlocacionais de trabalho, cultura e lazer, é no bairro/fragmento espacial como espaço imediato que a reprodução da vida e seus modos de uso acontecem.

"...as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundo de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso." (CARLOS, 1996, p. 21)

Este entendimento abre diversas possibilidades de compreensão e formas distintas de analisar o espaço. Esta é a potência da noção de lugar para a compreensão das transformações socioespaciais. É a partir das interpretações e produções acadêmicas de CARLOS através do retorno à Karl Marx feito por Henri Lefebvre e lido brilhantemente por alguns intelectuais que participaram do grupo de estudos coordenado por José de Sousa Martins sobre a continuação do método marxiano que o horizonte utópico da crítica e da emancipação ganha novos ares depois das leituras de Marx.

Mesmo que haja influência, diálogo e o fardo da história no lugar, é nele em si a sua significação e o movimento construtivo da história pela produção do e no lugar. Mas sua construção passa pela *vínculo* contraditório entre o desenvolvimento desigual do capitalismo e a especificidade histórica, isto é, o fardo do particular. No que tange a história em escala local, isto é, do Lugar, pode-se depreender como a história da particularidade, entretanto, esta particularidade foi e continua sendo reiterada pelos movimentos da história mundial, por mais que não sejam perceptíveis as formas e conteúdos da influência de grandes processos históricos ela está lá e ganha e confere sentido, mesmo que pretensamente oculta. A espacialidade, entretanto, não pode ser definida *per se*, visto que o espaço é produto e obra do trabalho do homem, logo, histórico e social.

A análise pelo *fragmento* - da qual pretendo seguir neste trabalho - é a análise do *lugar*, que se mostra através da simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se sobrepõe e se *(re)produzem*. O espaço é ao mesmo tempo produto e produtor, já que é receptáculo das relações sociais e interventor da

produção e divisão social e territorial do trabalho. Esta produção espacial aparece na forma de *apropriação* de um local em um determinado tempo e que produz uma morfologia espacial de acordo com seu próprio tempo, mas convive com a sobreposição de tipologias.

5.1 Sobre a mundialização do espaço e sua fragmentação

Com o aprofundamento global da divisão espacial e social do trabalho no último quartel do século XX em diante houve uma busca incessante por uma nova racionalidade, fruto de uma lógica encoberta do uso de novas tecnologias, aplicação do saber e da técnica, da repressão e coação e da predominância de um poder/projeto político alido a diferentes frações de capitalistas que tende a *homogeneizar* o espaço. Esta nova máxima aparece através da lógica da vigilância, do medo, do controle e defendida através de discursos odiosos e catalizadores de medo alheio vinculados na grande mídia.

O processo identificado como Globalização, anteriormente mencionado, será aqui, de modo grosseiro, identificado junto a noção de Mundialização para fins analíticos. Parte dos intelectuais que defendiam estas noções (IANNI, 1993 e HAESBAERT, 1995 et al.), que estavam no topo da discussões acadêmicas no final dos anos 90, acreditavam que o avanço do Capitalismo Moderno trazia consigo o desaparecimento do espaço pelo tempo através do avanço das técnicas, da flexibilidade do capital e seu extrapolamento fronteiriço. As novas tecnologias, que passam a cada ano por evoluções e obsolescências ofereceram novas possibilidades para organização industrial e do trabalho - *fluxos e redes* - que através do avanço da comunicação e da ciência de informação e dados parece enebriar a análise.

Voltemos ao *espaço e o lugar*, noções prioritárias para a análise pretendida. Estas abordagens foram importantes para demonstrarem que se parecia haver uma falsa manta que cobria e ocultava o *espaço ad infinitum*, na realidade, ela não se efetiva. A fluidez destas redes e o apagamento das fronteiras nacionais pode tornar o espaço, sob algumas óticas, contínuo, sobretudo a da produção, mas ele ainda está ali. Se a *manta* pretendia escondê-lo, não conseguiu. Não houve e não há uma anulação do espaço.

"A metrópole aparece hoje como manifestação espacial concreta de um fenômeno que está posto de forma clara no mundo moderno, qual seja, o espaço se reproduz a partir do processo de constituição da sociedade urbana apoiado no aprofundamento da divisão espacial do trabalho, na ampliação do mercado mundial, na eliminação das fronteiras entre os Estados, e na generalização do mundo mercadoria. Este processo produz profundas mudanças espaciais, criando uma nova identidade que escapa ao nacional, apontando para o mundial como tendência. Isto é, o processo não diz mais respeito a um lugar ou a uma nação somente, estes explodem em realidades supranacionais, apoiados nos grandes desenvolvimentos científicos, basicamente o desenvolvimento e a transmissão de informação." (CARLOS, 1996, p. 55)

O que se vê hoje é vulgarização do tempo pela rapidez dos acontecimentos e das coisas. A vida na metrópole passa a ter outro tempo e outros conteúdos. O estranhamento, por exemplo, é um deles. Benjamin³ (1989, p. 36) apontava que, no século XIX, antes da introdução dos modais de transporte na

3. BENJAMIN, Walter, 1842 -1940. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo/ Walter Benjamin; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. - 1. ed. - São Paulo : Brasiliense, 1989. - (Obras escolhidas; v. 3)

vida cotidiana - trens, ônibus e bondes - os habitantes da metrópole não sabiam o que era passar pela situação de se entreolhar por vários minutos, até horas sem dirigir a palavra. O ritmo incessante é outra marca. É o ritmo que parece contínuo na São Paulo 24 horas. Vias sobre os homens, carros sobre o pedestre e a desobstrução do trânsito como máxima.

Em um cotidiano mediado pela mercadoria (valor de troca) o processo de Mundialização mundializa o espaço e a sociedade e fragmenta o indivíduo, a ciência (cada vez mais parcelar), o espaço, a cultura e a vida cotidiana. Esta fragmentação aparece, na sociedade, através da desagregação dos indivíduos e das relações sociais que agregavam uns aos outros. Aparece de diversas formas após a implosão-explosão da metrópole.

A fragmentação do espaço aparece através do conflito entre a produção socializada e a apropriação privada. O processo produz atividades divididas, isto é, o processo de Mundialização confere a noção de *lugar* um novo conteúdo, a competição de lugares em escala global que buscam atrair investimentos e fluxos de capitais. Esta corrida busca a todo custo adequar novos espaços a tendência veraz do homogêneo e em decorrência aniquila e descaracteriza o *lugar*. A fragmentação do espaço também diz respeito a divisão do espaço em frações cada vez menos coesas e menores que competem entre si, internamente, são compradas e vendidas no mercado imobiliário e disputados por diferentes classes sociais.

No plano que a realidade urbana o espaço passa a ser produzido e mercantilizado. Os antigos conteúdos se esvaem em conjunto com a preponderância do valor de troca sobre o valor de uso. O fundamento da propriedade privada, como pilar do modo de produção capitalista, sustenta diferentes apropriações espaciais referentes as classes sociais que lhes disputam. No evento de formação socioespacial da metrópole ocorre um duplo movimento que tanto repele indivíduos para as bordas periféricas e os segregam, quanto os atrai próximos a centralidades consolidadas. A fragmentação produz a multiplicidade de centros que disputam importância. Nessa conjuntura, por exemplo, ocorre tanto a expansão do vetor sudoeste amplamente consolidado através da expansão para a Zona Sul pelo Arco Jurubatuba quanto apontam para a criação de uma nova centralidade na Zona Leste com a implementação do Eixo Platina no Tatuapé.

No processo de metropolização em que o urbano, segundo (LEFEBVRE⁴, 1999) se amplifica e estilhaça através do movimento de *implosão-explosão* ocorre a explosão de fragmentos múltiplos e separados como periféricos, subúrbios, residências secundárias, chácaras, cidades satélites e etc. Se por um lado este evento gera uma cidade policentral, se assim podemos dizer, ou seja, com diversas centralidades, por outro lado, explodem barracos, malocas, cortiços e casas de auto-construção por toda a cidade. A contradição parece estar cada vez mais gritante na produção do espaço urbano. No processo de negação da antiga cidade emerge a metrópole a partir da noção de *implosão-explosão*. Movimento que reforça as novas centralidade que são produzidas tanto como núcleo das tomadas de decisões e da realização de capital, alvos perfeitos para a especulação atuar sobre o setor da burguesia que possuem capital solvável. Quanto outras formas de centralidade que (LEFEBVRE, 1999) identifica como "enorme concentração de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento", são também centralidades alternativas as que tem importância cultural, simbólica e religiosa.

4. LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana / Henri Lefebvre; tradução de Sérgio Martins. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

A produção do espaço urbano e o evento da *implosão-explosão* que acarretou na multiplicidade de centros tende a eliminar a consciência urbana pretérita, visto que o morar e o habitar na metrópole não são os mesmos, há uma quebra com os antigos modos de reprodução da vida que passam a ter sentido diversos e confusos, bem como formas de apropriação do espaço público.

"Quando se suprimiu a rua (desde Le Corbusier, nos 'novos conjuntos'), viu-se as consequências: a extinção da vida, a redução da 'cidade' a dormitório, a aberrante funcionalização da existência. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica" (LEFEBVRE, 1999, p. 30)

Viu-se a destruição e descaracterização de bairros. O Tatuapé é um exemplo disto. Mesmo que o novo, pós processo de verticalização, conviva com o velho são raras as tipologias antigas, ao passo que quando caminhamos por suas ruas vemos que as poucas formas resistentes tendem a cair. Em São Paulo bairros inteiros foram descaracterizados ou mesmo destruídos, vide as demolições feitas pela Operação Urbana Faria Lima, para realização de capital e as necessidades efêmeras da expansão imobiliária. O estranhamento do cidadão - no plano do vivido - diante da perda completa de referências se apresenta na cidade que se transforma com incrível rapidez, eliminando as referenciais do *lugar*.

Entretanto, a memória, sobretudo a memória social do tempo, aquela que divaga no tempo lento e abre campos interessantes para a análise e a teoria social crítica, parece ser um caminho para resistir as agruras da modernidade. A memória tem a capacidade de salvar o *lugar* sem reificá-lo, é capaz também de dar outra dimensão do tempo. Seja a dimensão de "história aberta" e a "explosão do continuum" como dizia BENJAMIN⁵ ou a dimensão das possibilidades da "totalidade aberta" de LEFEBVRE⁶. Em uma conjuntura em que perde-se o que poderia ser mantido, a memória faz parte do movimento emancipatório que não vê a história de linear e fatalista. Quando se pensa no tempo e abre-se a reflexão sempre vem a minha mente parte do discurso de Antonio Candido feito em 2006 na inauguração da Biblioteca Confraria dos Parceiros de Guararema, em Guararema.

"Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, 'tempo é dinheiro'. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo; esse tempo pertence a meus afetos, é para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis: isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo"

5.2 Sobre a Diferença

A dialética da *homogeneização-diferenciação* parte da noção Lefebvrina no Manifesto Diferencialista (1970) em que a tendência da homogeneização no espaço permite a diferenciação.

5. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 222-232.

6. LEFEBVRE, Henri. op. cit, p. 11

"... as diferenças que, transformadas em qualidade, resistem à captura dos poderes identitários e homogeneizantes são o *irredutível*. Sua irredutibilidade reside em que na luta contra esses poderes transformam-se em qualidade e não se deixam reduzir ao quantitativo: não sucumbem à opressão da equivalência" (MARTINS (org.), 1996, pg. 32)

São as diferenças, que resistem a massacrante tendência da homogeneização e a opressão da equivalência (mercadoria/ valor de troca) que configuram a noção de *resíduos*, aquilo que não foi confinado e encaixado em modelos, é a possível insurgência do novo dentro do próprio movimento dialético da *homogeneização-diferenciação*, isto é, dos conteúdos que negam e reiteram a *diferença*. *O novo, esta diferença transformadora, aparece no emaranhado das repetições alienantes como no movimento das criações. É parte da concepção de totalidade aberta* de Lefebvre, o movimento do *possível-impossível*, onde o *possível* é esta criação, a *diferença*, e o *impossível* a resistência do homogêneo. A *diferença* procura brechas para surgir e triunfar sob o homogêneo, é neste movimento, que as brechas aparecem como possibilidade de transformação emancipatória.

"É o movimento pelo qual o *possível* resulta da relação entre o passado e o atual e, como tal, emerge na *superfície*. O superficial, para Lefebvre, não é portanto uma metáfora, mas sim "a liberdade" como possibilidade e momento de afloramento das diferenças. É na superfície que se dá a *apropriação* das diferenças: do que não foi dominado, fixado esterilizado, mas daquilo que resistiu e aflorou como resíduo (o corpo, o desejo, o tempo, o espaço) e que, ao ser apropriado, poderá desenvolver-se e transformar-se" (MARTINS (org.), 1996, p. 35)

Se o projeto de Lefebvre - na longa construção de seu pensamento nos mais de 70 livros que escreveu - era de inverter o mundo invertido, para ele era necessário que neste percurso inverter o pensamento. Os sintomas do próprio mundo às avessas revelam uma orientação que é a da análise diferencial. É através da abstração teórica da diferença entre a sociedade capitalista e o que se sucede, passando pelo entendimento da noção de *possível-impossível*, já elucidado, que podemos inverter o mundo. O diferente que exponho aqui é longamente debatido em "El Manifiesto Diferencialista" de 1972 (Sem tradução para o Português).

A crise geral do mundo moderno é demonstrada, analisada e debatida a fim de compreender que "o próprio mal-estar do mundo moderno revela uma orientação" e que a crise e o sintoma apontam estas contradições da realidade. Este plano teórico, o qual assimila as contradições, não está descolada dessas mesmas contradições que operam na realidade. Todavia, a *diferença* também é real, na chave da abstração teórica (existente-real e possível-virtual), visto que corresponde às formas de luta e resistência política e social que buscam escapar a superfície, mesmo que os horizontes no campo revolucionário sejam distintos.

Se a sociedade moderna, com a opressão da equivalência do valor de troca, destruiu a criatividade em detrimento da produtividade incessante, preferiu o produto à obra e confundiu crescimento econômico com desenvolvimento social.

6. Considerações finais

Este trabalho de graduação individual foi iniciado a partir da situação conflito em que a Vila João Migliari na Vila Gomes Cardim foi demolida para a construção do prédio corporativo Almagah 227 que faz parte do projeto do Eixo Platina. Então a pesquisa identificou um fragmento, um lugar em processo de metamorfose em meio a implosão da metrópole, imerso no processo de Reestruturação Urbano-Industrial onde a dispersão industrial ocorrida sobretudo entre 1970 e 1990 neste bairro alterou o espaço, as relações e a prática sócio-espacial formadas nas décadas anteriores da industrialização para que predomine, hoje em dia, atividades do setor terciário, shopping, prédios corporativos (lajes corporativas, estúdios, coworking, lojas e etc) e prédios de alto padrão com a expansão da verticalização e da valorização imobiliária expandidas do Anália Franco, bairro próximo do fragmento. Não ousei definir que se trata de uma nova centralidade na metrópole porque é um processo ainda em formação e o Eixo Platina é o primeiro, e bem ousado, projeto de grande porte do fragmento em termos de prédios corporativos para chamar de uma centralidade dos negócios ou dos serviços. Mas a intenção, pretendida pela Porte Engenharia e Urbanismo que atua no mercado imobiliário na Zona Leste desde os anos 90, é criar com o projeto do Eixo Platina o "primeiro polo de desenvolvimento socioeconômico da Região Leste". Portanto, o fragmento está inserido no avanço de uma cidade policentral acarretado pelo processo de metropolização em que o urbano, de acordo com (LEFEBVRE,1999), se amplifica e se estilhaça através do movimento de *implosão-explosão*. Esta explosão espalha fragmentos como periferais, subúrbios, residências secundárias, chácaras, cidades satélites e etc. Se por um lado este evento gera uma cidade policentral, se assim podemos dizer, ou seja, com diversas centralidades, por outro lado, explodem barracos, malocas, cortiços e casas de auto-construção por toda a cidade. A contradição parece estar cada vez mais gritante na produção do espaço urbano. No processo de negação da antiga cidade emerge a metrópole a partir da noção de *implosão-explosão*. Este movimento reforça a criação de novas centralidade que são produzidas tanto como núcleo das tomadas de decisões e da realização de capital como também se tornam alvos perfeitos para a especulação atuar sobre o setor da burguesia que possuem capital solvável. Cria também outras formas de centralidade como as de "enorme concentração de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento"(LEFEBVRE,1999).

Portanto, trata-se do crescimento de centralidades próprias da atual conjuntura da metrópole que são centralidades de negócios, moradia de alto padrão e serviços em áreas em que a dispersão industrial de indústrias para outras localidades proporcionou a disponibilidade de grandes terrenos com localização privilegiada pela facilidade de transporte advindas da proximidade do metrô, trem e de vias expressas. Este crescimento se expressa de algumas formas, como a valorização do espaço anterior, que era composto por fábricas, vilas, comércios e casas menores, e produz uma nova espacialidade, um novo espaço, valorizando o que estava desvalorizado para o capital. No meu trabalho não consegui demonstrar os diversos agentes na luta de classes que estão envolvidos neste avanço. A própria palavra "crescimento" é vendida aliada a ideologia de progresso que alia burguesia e Estado. A ideia e como ela se expressa no espaço através de leis e políticas como o Plano Diretor não foi meu foco já que iria abrir demais a discussão que tentei travar, mas são importantes para entender este processo de transformação da cidade. O conflito no espaço não é vazio e sob a ruína existem pessoas, infelizmente como cheguei prestes a demolição da Vila João Migliari não consegui criar contatos para entrevistas. Mas creio que foi um grande avanço de conclusão do curso acompanhar e tentar abarcar o máximo de contradições neste processo, mesmo que muitas coisas acabem escapando.

A produção deste novo espaço metamorfoseado cria novas relações, temporalidades, novos moradores e cotidianos que serão atravessados pelas antigas relações que foram construídas ali durante décadas, mas que passam a ser negadas e escamoteadas. Foi isso que tentei demonstrar, foi isso que o movimento vivo da pesquisa, que o caminhar me fez observar e tentei passar aqui para o leitor. "A metamorfose do lugar" foi a busca por demonstrar o novo e o velho na cidade e como eles entram em contradição a todo momento. O velho e o novo se produzem e reproduzem junto com o espaço.

O movimento da pesquisa empreendeu a tarefa de desvendar a profunda ruptura produtiva na cidade e a reconstrução da história urbana da metrópole a partir de outra leitura da formação em que o Tatuapé estivesse ligado a formação do urbano e inserido nos momentos da reprodução do capital, da derrocada da hegemonia industrial e a ascensão da hegemonia financeira como momentos da reprodução do capital. Estabeleci que a noção de ruptura da fase industrial coincide com o conceito de Dispersão Industrial, conceito este que optei por utilizar ao invés da Desindustrialização, visto que este último, ao meu ver, carrega na palavra a falsa impressão que houve uma interrupção no processo de industrialização, o que não foi verdade já que as indústrias passaram a ocupar outros espaços. A fase industrial foi tratada nos tópicos de industrialização da cidade e do bairro e na história de formação do bairro. A fase da hegemonia financeira aparece durante boa parte do trabalho já que coincide com os dias atuais e vem se desenhando desde a reestruturação urbano-industrial iniciada com a dispersão industrial dos anos 70. Mobilizei estes dois momentos sob o movimento regressivo, parte do método progressivo-regressivo, empregado na Vila João Migliari visando desvendar a relação entre espaço e indústria mobilizada no segundo quartel do século XX. O movimento progressivo habilita demonstrar como nestes dois momentos - que inicialmente subdividi como a Deformação e a Demolição do bairro e da vila - se deu no último quartel do século XX e nestas duas últimas décadas do século XXI.

É importante salientar que a passagem destes dois momentos, além de produzir novas paisagens que tornam o bairro supostamente moderno, também escondem que aonde houve avanço, também houve retrocesso, aonde estão se criando prédios corporativos e de alto padrão para moradia, se expulsa os antigos moradores para as periferias da cidade. Os espaços urbanos são transformados de forma desigual dentro do processo de reestruturação urbano-industrial. Não podemos nos enganar, aonde há a riqueza de uma pretensa centralidade com prédios padrão triplo A, há gente cada vez mais precarizada trabalhando para estes espaços funcionarem. Esta reflexão foi bem importante no trabalho uma vez que a situação conflito da demolição da vila traz consigo o discurso, através dos responsáveis pela destruição, que a Zona Leste está se modernizando ou que é o progresso para a cidade e para a região. Todavia, este discurso não é verídico.

Sob esta perspectiva de modernidade, avanço e progresso trabalhei com a ideia da memória, sobretudo a memória social do tempo, aquela que divaga no tempo lento e abre campos interessantes para a análise e a teoria social crítica. Contar a história do bairro, da industrialização e de como o bairro era, a partir de ideia de "escovar a história a contrapelo". Trouxe algumas leituras de Benjamin e das teses sobre o conceito de história, pois julguei-as importante trazer o autor já que me parece ser um caminho para resistir as agruras da modernidade. A memória tem a capacidade de salvar o *lugar* sem reificá-lo, é capaz também de dar outra dimensão do tempo. Seja a dimensão de "história aberta" e a "explosão do continuum" como dizia BENJAMIN ou a dimensão das possibilidades da "totalidade aberta" de LEFEBVRE. Ao falar em lugar e reificação, é importante trazer outra discussão nesta conclusão. Trata-se da coisificação dos moradores do fragmento em meio ao processo de metamorfose do lugar, isto é, o cidadão, no plano do fragmento os novos moradores dos prédios de alto padrão nas proximidades da Vila João Migliari, também se encontram em um processo de metamorfose aonde

passam a ser apenas consumidores. O novo espaço pós reestruturação urbano-industrial esta praticamente tomado por espaços que só criam e proporcionam mediação e relações sociais entre os moradores a partir do consumo: shopping, o velho comércio que tudo aponta saíra da rua platina, o curso da FGV que a Porte pretende inserir em um dos prédios, a sala de teatro e de cinema no prédio do Platina 220. Enfim, trata-se de um movimento do capitalismo moderno que não é de hoje, o da coisificação das pessoas e da equalização/homogeneização das próprias em mercadoria, mas que passa a se intensificar. A própria centralidade, que trouxe aqui como horizonte do que o Tatuapé se propõe, passa a ser sempre a centralidade dos negócios, dos objetos, do comércio, da riqueza e menos uma centralidade em que o indivíduo, sua história, suas memórias, suas trocas, seu prazer, seu conhecimento seja relevante. Neste ponto a própria cidade passa também a ser comercializada.

No início do trabalho percebi que iria trabalhar com duas formas distintas de tipologia: uma Vila de Aluguel e Prédios Corporativos. Foi claro, já que boa parte do trabalho a Vila João Migliari não existia mais e o Almagah 227 ainda não está pronto, que estas duas tipologias não coexistiram no fragmento. Então, na escala temporal do trabalho, deixei claro que partem de momentos distintos da metrópole, todavia com as contradições que a reproduzem, poderiam coexistir espacialmente. Trabalhei com algumas categorias e conceitos, mas um me foi muito caro, o Lugar. Acreditei desde o princípio na potência do lugar para a compreensão das transformações socioespaciais que ocorreram no fragmento.

É imprescindível que não se caia na armadilha da desconsideração do espaço na análise das transformações espaciais. Demonstrei ao longo do trabalho que a intensificação dos avanços tecnológicos, principalmente o avanço da internet e das telecomunicações em geral, trouxeram análises tem análises que colocaram o espaço em um segundo plano para compreender estas transformações. A diminuição do tempo via encurtamento de tarefas produtivas de reprodução do capital, não são capazes de tirar a importância do espaço e do lugar.

"no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é ai que ganha expressão mundial. O mundial existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularam-se as particularidades". É no lugar que acontece a produção do espaço e é também nele que se reproduz a vida, desta maneira, a análise não pode fugir das determinações do próprio espaço e de suas possibilidades e se perder nas determinações de fora dele. A busca da totalidade não pode tomar o fragmento como acessório, mas como parte integrante." CARLOS (1996, p. 15)

O Lugar aparece como o fragmento espacial capaz de ser apropriável pelo indivíduo para reproduzir sua vida, apropriação esta que se dá pelo corpo. É nesta porção do imediato que o espaço pode ser visto, percebido, pensado e apropriado como possibilidade utópica emancipatória. É no bairro/fragmento espacial como espaço imediato que a reprodução da vida, o vivido e seus modos de uso acontecem. O confronto entre lugar e mundialização se expressam de várias formas, sobretudo na imposição das necessidades de fora para dentro que acabam transformando o lugar. Nesta transformação vimos que o antigo morador da Vila Gomes Cardim e da Vila João Migliari foi expulso e acabou perdendo a relação com o lugar vivido. Os novos moradores trazem novas relações com o lugar. O plano do vivido que o antigo morador tinha não é o mesmo que os novos moradores que chegam para morar nestes novos empreendimentos na parte residencial do Eixo Platina ou de outros empreendimentos que estão surgindo junto deste processo de transformação. É a relação do enclave fortificado. Carlos aponta parte dessa dimensão do vivido que se perde.

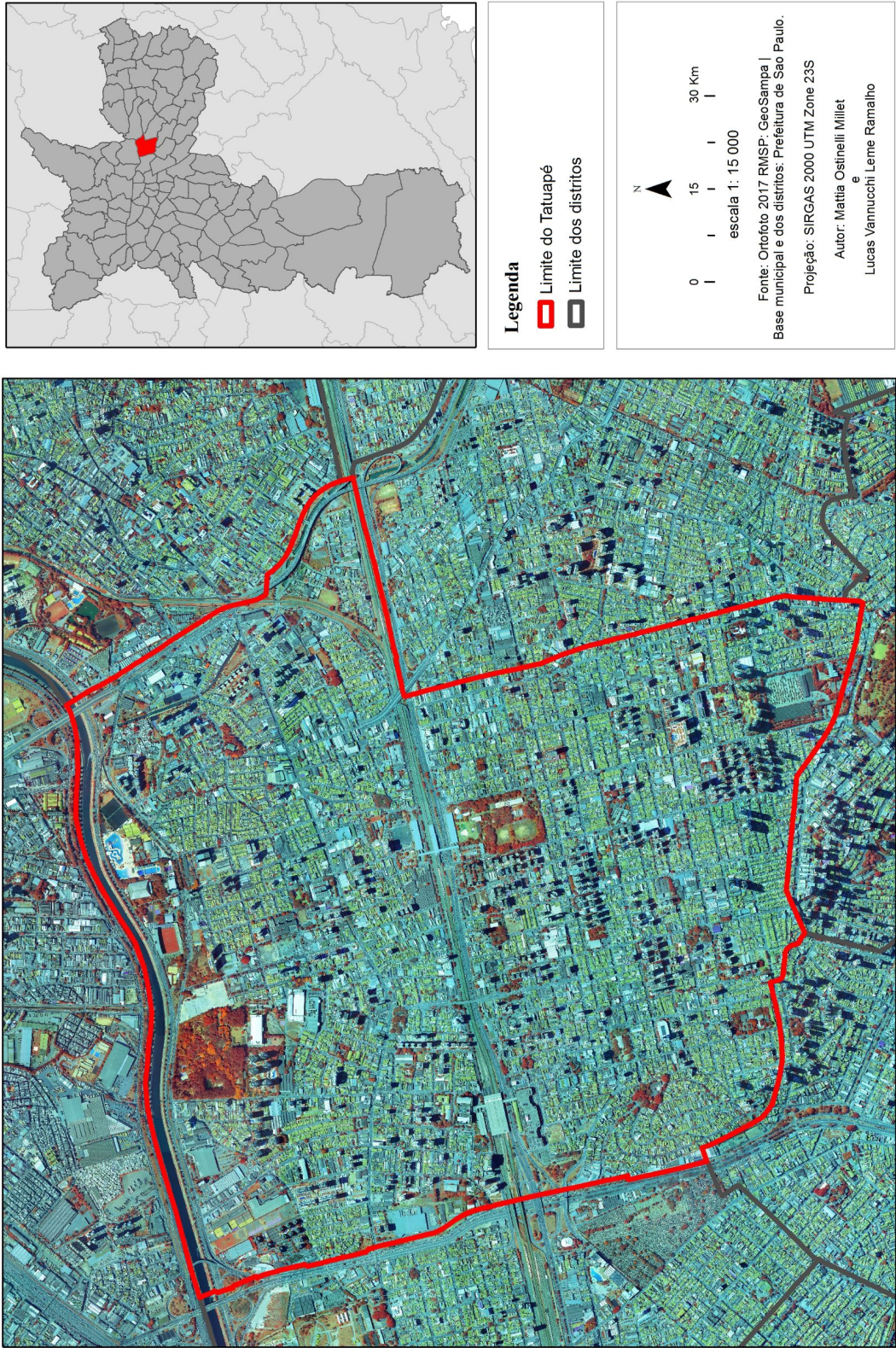
"...as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos

corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso." (CARLOS, 1996, p. 21)

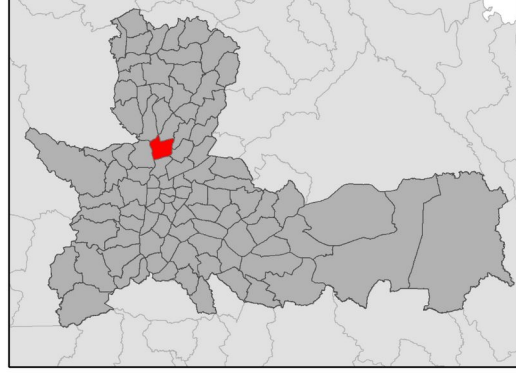
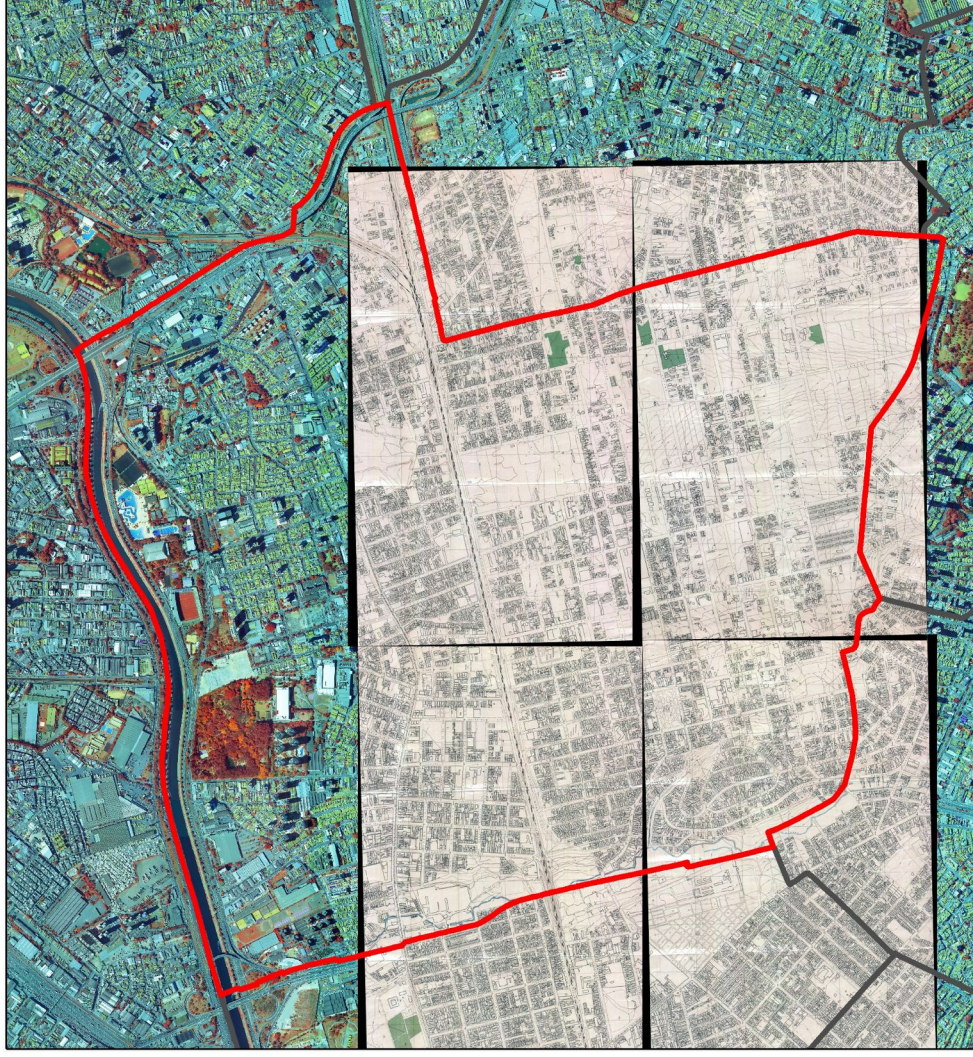
É no lugar que ocorre a significação e o movimento construtivo da história pela produção do e no lugar. Mas sua construção passa pela vínculo contraditório entre o desenvolvimento desigual do capitalismo e a especificidade histórica, isto é, o fardo do particular. No que tange a história em escala local, isto é, do Lugar, pode-se depreender como *a* história da particularidade, entretanto, esta particularidade foi e continua sendo reiterada pelos movimentos da história mundial, por mais que não sejam perceptíveis as formas e conteúdos da influência de grandes processos históricos ela está lá e ganha e confere sentido, mesmo que pretensamente oculta. A espacialidade, entretanto, não pode ser definida *per se*, visto que o espaço é produto e obra do trabalho do homem, logo, histórico e social.

7 . Mapas

Localização do bairro do Tatuapé



Localização do bairro do Tatuapé



Legenda

- Limite do Tatuapé
- Limite dos distritos

0 15 30 Km
escala 1: 15 000

Fonte: Ortofoto 2017 RMSF: GeoSampa |
Base municipal e dos distritos: Prefeitura de São Paulo.

Projeção: SIRGAS 2000 UTM Zone 23S

Autor: Matia Ostinelli Millet
e
Lucas Vannucchi Leme Ramalho

8. Fotografias



Foto 1: área estabelecida para a construção do empreendimento Almagah com a Vila João Migliari ao fundo meses antes da demolição | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 2: Dois lotes (agrupados em cinco casas cada) da Vila João Migliari enclausurados na verticalização do bairro, em setembro de 2019, meses antes da demolição. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 3: Platinum Office Tower, prédio empresarial da primeira década dos anos 2000 no começo da Rua Platina. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 4: Condomínio residencial em construção próximo ao Platina 220. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 5: Edifício Platina 220 em fase de construção, maio de 2019. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 6: Comércio próximo ao Shopping Metro Tatuapé, esquina da Rua Tuiuti com o início da Rua Platina. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 7: Local aonde estava a Vila João Migliari e aonde será construído o prédio Almagah. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 8: Tapume tampando as ruínas das 55 casas demolidas e as cinco casas que sobraram da Vila João Migliari ao fundo em setembro de 2021, todas sem uso e moradores. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 9: As 5 casas que sobraram depois da destruição em setembro de 2021. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho.



Foto 10: Prédio em construção da Prevent Senior logo na frente do terreno em que será construído o Almagah. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 11: Um carro de luxo parado em frente ao edifício Vilela 652, um dos prédios do Projeto Eixo Platina, o primeiro a ser entregue e com a área de comércio do térreo já funcionando. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 12: O Edifício Vilela 652 e a placa da Rua platina. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 13: O edifício Crona 665 logo em frente ao Vilela 656 em setembro de 2021. | Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho



Foto 14: Edifício Platina 220, previsto para inaugurar em 2022 e o novo prédio mais alto da cidade. |
Fonte: Lucas Vannucchi Leme Ramalho

9. Tabelas

TABELA 1 – REPARTIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS SEGUNDO SUAS DATAS DE FUNDAÇÃO

DATAS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS
1850-54	2
1855-59	-
1860-64	1
1865-69	2
1870-74	7
1875-79	4
1880-84	23
1885-89	55
1890-94	138
1895-99	161
1900-04	334
1905-09	414
1910-14	1038
1915-19	1867

Tabela 1: Repartição dos Estabelecimentos industriais segundo suas datas de fundação no Brasil
Fonte: Sartori, 2013.

Comparativo 2019 com 2020 dos valores médios do metro quadrado Apartamentos 2 dormitórios com <u>1 vaga de garagem</u> Zona Leste de São Paulo			
Bairros	Maio de 2019	Janeiro de 2020	% Aumento ou Queda
Tatuapé	R\$ 6.870,00	R\$ 6.750,00	-1,75%
Jd. Anália Franco	R\$ 8.450,00	R\$ 8.550,00	1,18%
V. Gomes Cardim	R\$ 7.720,00	R\$ 7.600,00	-1,55%
Mooca	R\$ 6.700,00	R\$ 6.810,00	1,64%
Alto da Mooca	R\$ 7.090,00	R\$ 7.100,00	0,14%
Itaquera	R\$ 4.400,00	R\$ 4.360,00	-0,91%
Penha	R\$ 5.400,00	R\$ 5.430,00	0,56%
Vila Carrão	R\$ 6.080,00	R\$ 5.950,00	-2,14%
Vila Formosa	R\$ 6.060,00	R\$ 5.850,00	-3,47%
Jardim Têxtil	R\$ 6.200,00	R\$ 6.210,00	0,16%
Vila Prudente	R\$ 6.020,00	R\$ 6.010,00	-0,17%
Vila Matilde	R\$ 5.600,00	R\$ 5.540,00	-1,07%
Artur Alvim	R\$ 3.800,00	R\$ 3.770,00	-0,79%
Cohab J.Bonifácio	R\$ 3.200,00	R\$ 3.200,00	0%
Gualanazes	R\$ 3.600,00	R\$ 3.590,00	-0,28%
Soma da Porcentagem Geral dos Bairros			-0,54%
Banco de dados de maio de 2019 e janeiro de 2020 do Portal ZL Imóvel			

Tabela 2: Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 2 dormitórios | Fonte: Portal ZL Imóvel, 2020.

Comparativo 2019 com 2020 dos valores médios do metro quadrado Apartamentos 2 e 3 dormitórios com <u>2 vagas de garagem</u> Zona Leste de São Paulo			
Bairros	Maio de 2019	Janeiro de 2020	% Aumento ou Queda
Tatuapé	R\$ 7.800,00	R\$ 7.400,00	-5,13%
Jd. Anália Franco	R\$ 8.600,00	R\$ 8.390,00	-2,44%
V. Gomes Cardim	R\$ 7.600,00	R\$ 7.815,00	2,83%
Mooca	R\$ 7.750,00	R\$ 7.625,00	-1,61%
Alto da Mooca	R\$ 8.250,00	R\$ 8.130,00	-1,45%
Itaquera	Prejudicado*	R\$ 4.645,00	Prej*
Penha	R\$ 5.800,00	R\$ 5.850,00	0,86%
Vila Carrão	R\$ 7.300,00	R\$ 7.265,00	-0,48%
Vila Formosa	R\$ 7.060,00	R\$ 6.840,00	-3,12%
Jardim Têxtil	R\$ 6.900,00	R\$ 6.930,00	0,43%
Vila Prudente	R\$ 7.500,00	R\$ 7.120,00	-5,07%
Vila Matilde	R\$ 6.180,00	R\$ 6.050,00	-2,10%
Artur Alvim	Prejudicado*	R\$ 3.830,00	Prej*
Cohab J.Bonifácio	Prejudicado*	R\$ 3.130,00	Prej*
Guaianazes	Prejudicado*	Prejudicado*	Prej*
Soma da Porcentagem Geral dos Bairros			-1,66%
Banco de dados de maio de 2019 e janeiro de 2020 do Portal ZL Imóvel			

Tabela 3: Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 2 e 3 dormitórios | Fonte: Portal ZL Imóvel, 2020.

Comparativo 2019 com 2020 dos valores médios do metro quadrado Apartamentos 3 e 4 dormitórios com <u>3 vagas de garagem</u> Zona Leste de São Paulo			
Bairros	Maio de 2019	Janeiro de 2020	% Aumento ou Queda
Tatuapé	R\$ 8.060,00	R\$ 7.650,00	-5,06%
Jd. Anália Franco	R\$ 9.300,00	R\$ 8.500,00	-8,600%
V. Gomes Cardim	R\$ 8.500,00	R\$ 8.150,00	-4,12%
Mooca	R\$ 8.000,00	R\$ 7.760,00	-3,00%
Alto da Mooca	R\$ 8.250,00	R\$ 8.540,00	3,52%
Penha	R\$ 7.000,00	R\$ 6.310,00	-9,86%
Vila Carrão	R\$ 7.100,00	R\$ 6.630,00	-6,62%
Vila Formosa	R\$ 6.800,00	R\$ 6.100,00	-10,29%
Jardim Têxtil	Prejudicado*	R\$ 7.910,00	Prej*
Vila Prudente	Prejudicado*	R\$ 6.600,00	Prej*
Jd. Avelino	Prejudicado*	R\$ 6.380,00	Prej*
Vila Matilde	Prejudicado*	R\$ 6.050,00	Prej*
Soma da Porcentagem Geral dos Bairros			-5,54%
Banco de dados de maio de 2019 e janeiro de 2020 do Portal ZL Imóvel			

Tabela 4: Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 3 e 4 dormitórios |
Fonte: Portal ZL Imóvel, 2020.

Comparativo 2019 com 2020 dos valores médios do metro quadrado Apartamentos 3 SUÍTES e 4 dormitórios com <u>4 ou mais vagas de garagem</u> Zona Leste de São Paulo			
Bairros	Maio de 2019	Janeiro de 2020	% Aumento ou Queda
Tatuapé	R\$ 8.450,00	R\$ 8.270,00	-2,13%
Jd. Anália Franco	R\$ 9.760,00	R\$ 9.860,00	-0,80%
V. Gomes Cardim	Prejudicado*	R\$ 8.320,00	Prej*
Mooca	R\$ 8.000,00	R\$ 7.960,00	-0,50%
Alto da Mooca	R\$ 9.050,00	R\$ 8.950,00	-1,10%
Jd. Avelino	Prejudicado*	R\$ 6.150,00	Prej*
Vila Carrão	Prejudicado*	R\$ 5.730,00	Prej*
Vila Formosa	R\$ 6.800,00	R\$ 6.200,00	-8,82%
Soma da Porcentagem Geral dos Bairros			-2,37%
Banco de dados de maio de 2019 e janeiro de 2020 do Portal ZL Imóvel			

Tabela 5: Preço do metro quadrado na Zona Leste em apartamentos de 3 Suítes e 4 dormitórios | Fonte: Portal ZL Imóvel, 2020.

Valor médio do metro quadrado das Casas Tatuapé, Zona Leste - São Paulo		
Dormitórios	Vagas de Garagem	Valor médio m²
1	SEM VAGA	R\$ 4.820,00
1 e 2	1	R\$ 4.940,00
2 e 3	2	R\$ 5.130,00
3 e 4	3	R\$ 4.860,00
4 ou mais	4 ou mais	R\$ 5.160,00
Dados Julho 2020 Portal ZL Imóvel		

Tabela 6: Valor médio do metro quadrado das casas no Tatuapé, 2020 | Fonte: Portal ZL Imóvel.

10. Referências Bibliográficas

ABARCA, Pedro. Tatuapé: Uma história fascinante. São Paulo: Editora Rumo, 1994.

ANDRADE, Margarida Maria de; GOLDENSTEIN, Léa. Bairros além Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Móoca e Belenzinho. 1991. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

AZEVEDO, Aroldo de. A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. São Paulo: Editora Nacional, 1958.

BENJAMIN, Walter, 1842 -1940. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo/ Walter Benjamin; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. - 1. ed. - São Paulo : Brasiliense, 1989. - (Obras escolhidas; v. 3)

BENJAMIN, Walter. experiência histórica e imagens dialéticas / organiza-ção Carlos Eduardo Jordão Machado, Rubens Machado Jr., Miguel Vedda. 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BLAY, Eva. Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de SP. 1 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 4 ed - São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BRENNER N. (2013). Reestruturação, Reescalamento e a Questão Urbana. GEOUSP Espaço E Tempo (Online), (33), 198-220.

CARLOS, A.F.A. O Lugar no/do Mundo. 1ª Edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

CARLOS, A.F.A. A (re)produção do espaço urbano. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 272p .

CARLOS, A.F.A. Geografias de são paulo: São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2001. 51-83 p.

CARLOS, ANA FANI ALESSANDRI; VOLOCHKO, D. (Org.) ; ALVAREZ, I. A. P. (Org.) . A cidade como negócio. 1ª. ed. São Paulo: editora Contexto, 2015. 43 -64p .

COSTA, Wanderley Messias da. O processo contemporâneo de industrialização – um estudo sobre a expansão da produção industrial em território paulista. São Paulo, 1982. 217 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DAMIANI, Amélia. A geografia e a produção do espaço da metrópole. In CARLOS, A.F.A.; CARRERAS, C. (orgs). Urbanização e Mundialização. São Paulo: Contexto, 2005, p. 38-50.

ENDRIGUE, Taisa da Costa. Tatuapé: A valorização imobiliária e a verticalização residencial no processo de diferenciação sócio-espacial. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FELDMAN, S. Planejamento e Zoneamento. São Paulo: 1947--1972. São Paulo: Edusp, 2005

FRÚGOLI, Heitor. Centralidade em São Paulo: Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

HAESBAERT, R. Desterritorializacão: Entre As Redes e Os Aglomerados de Exclusão. In: Iná de Castro; Roberto Lobato Corrêa; Paulo César Gomes. (Org.). GEOGRAFIA: CONCEITOS E TEMAS. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 1995, v. , p. 165-205.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LANGENBUCH, Juergen Richard. A Estruturação de São Paulo. Rio de Janeiro: IBGE. 1971.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4eéd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão, 2006.

LEFEBVRE, Henri. El Manifiesto Diferencialista. 1ª Ed. México: Siglo Veintiuno, 1972.

LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEME, M. C. S. (coord.). Urbanismo no Brasil 1895--1965. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

LENCIONI. Sandra. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: Santos M, Souza MAA, Silveira ML, organizadores. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Editora Hucitec; 2002. p. 198-210.

NERY JÚNIOR, J. M. Um século de políticas para poucos: o zoneamento paulistano 1886--1986. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002

Memória Urbana: a Grande São Paulo até 1940. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2001.

PÁDUA, Rafael. Produção estratégica do espaço e novos produtos imobiliários. In: CARLOS, A.F.A. (org). A cidade como negócio. São Paulo, 2015, p. 145-163.

PÁDUA, Rafael. Implicações da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo. 1. ed. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. 114p .

PAULA, Amir El Hahim De. Os Operários pedem Passagem! – A Geografia do Operário na Cidade de São Paulo (1900-1917). Dissertação defendida em 2005.

Platina 220. São Paulo, 10 de Março. 2019. Disponível em: <https://porte.com.br/empreendimento/platina220>. Acesso em: 24 de Março, 2019.

ROLNIK, Raquel e FRÜGOLI JR., Heitor. Reestruturação Urbana da Metrópole Paulistana: Zona Leste como território de rupturas e permanências. Cadernos Metrópole, São Paulo, nº 6, 2º sem., 2001.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade São Paulo. Ed. 3. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

SANTOS, M. A. Os espaços da globalização. In: 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 1993, Rio de Janeiro. p. 33-37.

SANTOS, César Ricardo Simoni. A urbanização periférica como condição da industrialização tardia: a inversão no caso brasileiro. *La planificación territorial y el urbanismo desde el diálogo y la participación. Actas del XI Coloquio Internacional de Geocrítica*, Universidad de Buenos Aires, 2-7 de mayo de 2010

SARTORI, Thais Coutinho Milan. Análise ambiental dos antigos sítios industriais no bairro do Tatuapé. / Thais Coutinho Milan Sartori - São Paulo, SP: CEUN-EAM, 2013. 88p.

SCIFONI, Simone. Cultura e problemática urbana. In: *Crise urbana*[S.l: s.n.], 2015.

SOJA, Edward W. Economic restructuring and the internationalization of Los Angeles. In: *The capitalist city*. SMITH, M.P.; FEAGIN, J.R. (org.), p.178-198. Cambridge, MA: Clackwell, 1987.

SOMEKH, N. A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo 1920--1939. 1994. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

VALENTE, Edson. Luxo da zona sul custa menos na zona leste. Folha de São Paulo, São Paulo, p. 1, 08 fev. 2004.

